THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA

No D.110a.8

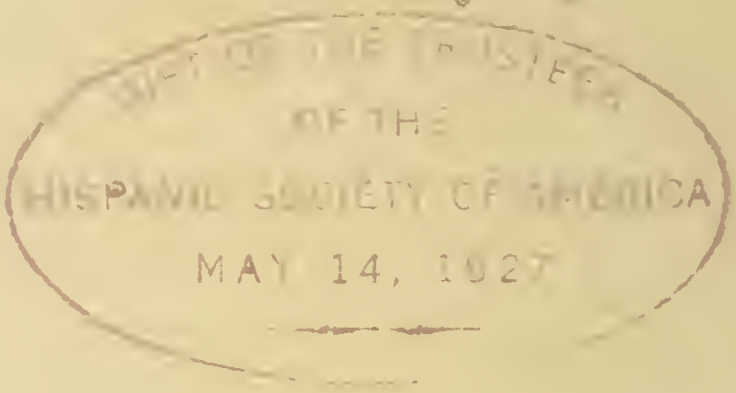
GIVEN BY
ispanic Society of America

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
Boston Public Library

http://www.archive.org/details/silviadelysardo00brit

To
Charles William Eliot,
President of Harvard University,
this edition is dedicated

Hispanic Society of America




This edition of two hundred was printed in
facsimile from the copy in the library
of Archer M. Huntington, at the
De Vinne Press, nineteen
hundred and three

# SILVIA DE LYSARDO.

## Recopilada por Lourenço Craesbéck.

AO ILLVSTRISSIMO & Reuerendissimo senhor Dõ Rodrigo da Cunha Bispo do Porto, eleito Arcebispo & senhor de Braga Primaz das Hespanhas, do Conselho de sua Magestade. &c.

EM LISBOA

Com todas as licenças necessarias

POR PEDRO CRAESBEECK

Impressor del Rey. Anno 1626.

Vendense na Rua nova em casa de Paulo Craesbeeck liureiro.

## Licenças.

VI este liuro pouco ha impresso com licença do S. Officio, não ha de nouo impedimento a se imprimir outra vez, & se lhe pode dar a licença que pede pera o tornar a imprimir. Lisboa 7. de Agosto de 626.

F. Thomas de S. Domingos Magister.

VIsta a informação podese imprimir este liuro intitulado Siluia de Lisardo, & depois de impresso toi ne conferido com seu original, para se dar licença para correr, & sem ella naõ correra. Lisboa aos 7. de Agosto de 1626.

Gaspar Pereira. D. Ioão da Sylua.
Fr. Ant. de Sousa. Frãcisco de Gouuea.

POdesse imprimir.

Eugenio Cabreira.

QVe se possa imprimir este liuro vistas as licenças do sancto Officio & Ordinario. Em Lisboa a 13. de Agosto 626.

D. de Mello. Cabral.

O Liurinho impresso de Siluia de Lysardo concorda com o original, & pode correr. 19. de Agosto de 626.

F. Thomas de S. Domingos Magister.

TAxase este liuro em trinta reis em Lisboa a 18. de Agosto 626.

Araujo. Cabral.

A O

# AO ILLVSTRISSIMO & Reuerendissimo senhor Dõ Rodrigo da Cunha Bispo do Porto, eleito Arcebispo & senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, do Conselho de sua Magestade &c.

EMERARIA pudera parecer esta acçaõ a V.S. Illustrissima quando naõ nacera de hum animo tam obrigado, que com affectos de agradecido desculpa o presente atreuimento. Porem não nace em mi tal confiança, do motiuo só de agradecido às merces, com que V. Illustrissima sempre me honrou, que mais sublime causa o foi de tam altiuo pensamento; a benignidade digo com que V. Illustrissima igualmente admitte grandes, & piquenas mostras de agradecimento; achandose por esta maneira em V. Illustrissima com tal harmonia juntos o graue, & o benigno, que quando hum com seuero respeito parece, que impossibilita, o outro com o fauor affauel facilita.

Confiado pois, aos pès de V. Illustrissima consagro este liurinho algun tempo symbolo das ingratidoẽs de Syluia, se bem agora espelho de meu agradecimento, que se nelle achar V. Illustrissima amorosos queixumes, doces magoas do enamorado Lysardo, nesta verà agradecidos affectos, viuas demonstraçoẽs do animo que deuo, & com que desejo seruir a V. S. Illustrissima, a quem o Ceo guarde com o augmento, & prosperidade de vida, & estado que merece.

Criado de V.S. Illustrissima

*Lourenço Craesbeeck.*

# EPISTOLA DE LYSARDO A SILVIA.

A Quẽ darei meus versos numerosos,
q̃ viuo painel saõ de minhas dores,
A quem estes conceitos rigurosos?
A quem dedicarei estes clamores,
q̃ lança hũ coraçaõ de amor ferido?
a quẽ o gosto (ẽ fim) de minhas do-
Senão àquella causa, que o sintido (res.
julgou por tão sublime, & poderosa
q̃ se ouue em se perder por bẽ perdi
Daime pois atẽçaõ Siluia fermosa (do.
& vereis devòs mesma effeitos raros
postos em baxo stilo, & voz q̃ixosa.
Vereis hũs pensamentos pouco auaros
de se mostrar ao mũdo tão catiuos,
quãto pello não ser, forão ja claros.
Vereis entre grilhões duros, & esquiuos
hũs desejos que ja mortos tomara,
para me não matar estando viuos.
Lereis de vossa graça estraña, & rara,
effeitos neste tempo desusados,
& fè, que pella ter me custa cara.
E se os versos não forẽ bem limados,
a culpa foi de amor, q̃ em os cãtãdo
trazia nouo ẽcãto a meus cuidados,
Serà vossa tambem, que gouernando
o sentido, que a Lyra gouernaua (do
mo deixaueis faltar de quãdo ẽ quã-
E como o pensamento em vós estaua,
o bẽ q̃ aqui cãtei, de vòs me vinha,
& o mal devos nãver quãdo cãtaua.
Que aquella liberdade que foi minha

no tempo que de amor liure viuia,
no q̃ de vòs tratei, não lãçoũ linha.
Quando de mi cãtaua, em vòs me via,
quãdo vos via em mim, ficaua cego,
& só com vossa graça me regia;
Ser vossa minha Lyra, não o nego,
pois em quãto cãtou, vòs a guiastes,
ora cantasse o Tejo, ora o Mondego.
E pois este meu canto gouernastes,
recebeyo por vosso, que a ventura
farâ, q̃ pois o cãto em mi causastes,
cause elle fama em vossa fermosura.

SONE-

## SONETO DE LYSARDO a suas obras.

VErsos, q̃ indicio sois de meus ardores,
Rimas, q̃ meus segredos publicastes
lagrimas que tambem solennizastes
ao só de ẽdechas tristes minhas dores.
Agora q̃ vos vejo em mortas cores
à vista do painel que retratastes,
gosto de vos olhar pois não leuastes
a olhos estrangeiros meus amores,
Se acontecer acaso, que entendida
do mundo seija a dor q̃ em vos publico
mostrai a causa que ouue de renderme:
Que sendo dos leitores conhecida,
verão que ẽ me perder sem culpa fico,
& que fora mor culpa não perderme.

## SONETO PRIMEIRO em que Lysardo mostra o gosto de sua affeição, & incita os a ouuila.

QVem deseija ouuir na branda Lyra
cãtar de amor effeitos namorados,
quẽ segredos de amor quer declarados
por ordem singular, que amor inspira.
Ouça hum nouo Cisne que suspira
entregue ao rigor de seus cuidados,
& tenha por conselhos estremados
os que dà em amor, quem nelle espira:
E se a materia he tal por quẽ a cãta
terem casos de amor tanta certeza,
pella causa do canto he mais famosa:
He Silvia cuja graça o mũdo espãta,
cujo retrato fez a natureza,
pera morrer por elle d'enuejosa,

## SONETO EM QVE MOSTRA a causa de viuer isento, & a que teue pera o não ser.

QVando liure de amor pena sintia,
em ler penas d'amor nos escritores
quando na doce frauta dos pastores,
a Oda, & brando verso aborrecia,
Era porqué os segredos não sabia,
que communica amor aos amadores,
nem os ocultos gostos, que nas dores
lhes dà, perfeitamente conhecia:
Mas agora q̃ amor nos olhos posto
de Siluia, me mostrou nouos cóceitos,
tudo que amor não he, me dà tristeza:
E tão dobrado sinto em mim o gosto
de ver meus pensamentos ja sojeitos,
quanto contemplo mais sua belleza.

## SONETO EM QVE COMPARA Siluia com Madama Laura, amiga do Petrarchà.

OVenturosa Laura, pois na vida
foste do teu Petrarcha tão amada,
& agora mais ditosa sepultada,
pois no sepulchro estàs engrandecida:
E pois a lei da morte tens vencida,
por ser na branda Lyra celebrada,
Siluia serà na minha tão cantada,
que seija em vida, & morte conhecida:
E aquillo que na Rima deleitosa
excede teu amante a meu engenho,
ygoal a perfeição em que me atreuo:
Pois tãto chega Siluia en ser fermosa
q̃ encobre qualquer falta q̃ é mi tenho
& me faz ser Petrarcha no q̃ escreuo.

SONETO EM QVE MOSTRA q̃ só a vista de Siluia, sé outra inuẽção de amor, foi causa de sua affeição.

Cuidado o cego amor q̃ me enganaua
em me leuar hum dia descuidado,
onde nũs olhos verdes embreñhado
pera me saltear metido estaua.
Vendome no lugar que desejaua,
pera fazer seu tiro acomodado,
arremetendo à sẽta de apressado
a mão se lhe fetio dentro na aljaua.
Ficou amor de si proprio ferido,
& morto por aquella que escolheo,
pera nella mudar minha ventura:
E eu sem sẽta de amor fiquei rẽdido,
porque a vista de Siluia me rendeo
com sólo acompanhado de brandura.

SONETO EM QVE SE ENCARECẽ as perfeições de Siluia, dizẽdo, que pellas não ver, ne se lẽbrar dellas, tomara vertha troca na vista, & lẽbrãça.

Com preteder, q̃ m̃ vos sẽpre durasse
a vista com que o peito me rẽdestes
& a lẽbrança em que logo me pusestes,
tomara em fim, q̃ agora vos deixassem.
A vista, porq̃ os olhos não mostrassẽ
quão desigoal emprego em mi fizestes:
& a memoria daquillo que perdestes,
porq̃ os desejos delle a não trocassem.
E se este bem amor me concedera
(que em fim pera meu bem o aceitara)
não tinha que temer nunca mudança:
Que por verdes meus olhos proprios
& c'os vossos sẽ luz me alumiara (dera,
fazendo nelles troca, & na lembrança.

SONETO EM QVE DIZ, QVE quãdo se via nos olhos de Siluia achaua ẽ si merecimẽto pera a querer, & ausentãdose o perdia de vista.

QVando me vi nos olhos q̃ me virão
vestido com librea d'esperança,
cuidei que aquella cor era bonança,
& não q̃os proprios olhos mavestirão.
E como disto alegre me sintirão,
por não dilatar mais tal confiança,
fizerão em si mesmos a mudança,
q̃ no lume dos meus logo imprimirão.
Em fim, q̃ quãdo em Siluia retratado
me vi, & não em mim, achei comigo
bastante opinião pera querela:
Mas quando a não vi, desenganado
fiquei, porque leuou ella consigo
o preço com que pude merecella.

SONETO MANDADO A SILVIA com hum jogo de cartas.

VAõ as cartas senhora, porq̃ encarte
algũa, o rigor com que ganhais,
pois com qualquer baralha que jugais,
sempre ficais primeira sem discarte:
E se notardes bem a gentil arte,
com que d'amor as cartas baralhais,
nestas vos mostrarei quatro metais,
em que a vossa baralha se reparte:
Em Paos, que indicio saõ de meu tormẽto,
nas Copas do veneno rigoroso
que deu amor a minha liberdade:
Nas Espadas crueis do peito isento,
Ouros desse cabello tão fermoso,
que deixa o mesmo Sol sem claridade.

SONETO A SILVIA ESTANdo jugando ao Xadrez.

NO jogo de Xadrez, q̃ estais jugando
vereis d'amor a troca dibuxada,
pois cada peça dessas ponderada,
està nouos segredos ensinando,
Porq̃ nessa de Rey, q̃ hides mudãdo,
& noutra do Pião que vay jugada,
com a Dama que està dambos cercada,
se vão as leis d'amor manifestando,
Marauilhas saõ tudo de Cupido,
que fazendo a ventura desigoais
os vassalos dos Reys em hõra, & fama,
Elle com noua força engrandecido
os faz em dores d'alma ser igoais,
& seruir igoalmente a qualquer Dama.

SONETO EM QVE MOSTRA a efficacia da fermosura de Siluia.

QVerendo amor ficar cõ vẽcimento,
de quẽ o teue ja de seus ardores,
mudou a ordem antiga dos amores
em nouo, & desusado fingimento.
E disfraçado em fim neste ornamẽto,
embrenhado hũa tarde ẽtre mil flores,
n'aljaua concertou trespassadores
pera render de Siluia o peito isento.
Passaua descuidada a Nimpha bella,
& olhãdo com desdẽ ao moço esquiuo,
de amores o matou no mesmo instãte.
Se amor morreo de amores so cõ vel
quem poderà ficar no mũdo viuo (la
à vista de hũa vista tão possante?

SONETO EM QVE SE DEBVxão as perfeições de Siluia.

QVis Deos recopilar nessa figura
do mũdo a perfeição mais excellẽ
& pos em vòs do Ceo resplãdecẽte (te
a virtude, primor, & fermosura,
Phebo vos deu a cor rosada, & pura,
Diana essa pureza transparente,
Marte, o rigor que tendes perà gente,
Mercurio no fallar certa brandura,
Venus por ser a Deosa dos amores,
vos rende os corações mais libertados
contentes de sofrer por vos mil dores;
Em fim q̃ terra & Ceo tẽdes roubados,
a hum os corações dos moradores,
a outro os dões que tẽ mais estimados.

SONETO EM QVE LYSARDO mostra ser o Mes de Agosto o tempo de seu nacimento, & o em que se affeiçoou a Siluia.

NO tẽpo em que o Sol na mòr altura
deixa ja de Lião o signo horrendo,
& noutro brando Clima discorrendo,
tem no de signo virgẽ outra brandura.
Naci eu tão mimoso da ventura,
quanto não pòde ser outrem nacendo,
& depois pello tempo hindo crecẽdo,
nunca senti a sorte aduersa, & dura.
E noutra conjunção muy semelhãte
deixei de Lião fero a liberdade
à vista doutro Clima, & noua estrella.
Vi de Siluia o Angelico sembrante,
rendeume a fortaleza da vontade, (la.
q̃ntre os signos não ha virgẽ mais bel-

SO-

SONETO EM QVE LYSARDO se queixa do amor, & pouca constancia de Siluia.

QVẽ d'amor quer saber o desengano
que de fé mulheril quer a certeza,
venha ver hũ pastor, em que a firmeza
traz justa competencia com seu dano.
Pagoume lealdades com engano,
trocou minha brandura em aspereza,
vede que duro amor, pois na firmeza
de hũa fingida fé se mostra humano.
Buscou pera roubar minha alegria,
hũs olhos verdes, claros, radiantes,
que excede sua luz ao claro dia.
Porem saõ em dureza diamantes,
em galardões d'amor geada fria,
em firmeza, veletas inconstantes.

SONETO EM QVE SE LOVVA a graça de Siluia, & se lhe pedẽ fauor.

VVestros ojos, q̃ al Sol viuo escurecẽ,
y abrasan en amor pechos de velo,
cabellos que enriquecen nuestro suelo,
pues de Phebo quitados nos parecen.
Vuestras mexillas, q̃ en beldad flore
y de cintura, y pechos el mo lelo, (cen
partes, q̃ aueis robado al mismo Cielo,
pues solo por el Cielo se merecen,
Pues por ellas os dí la vida entera,
sed seruida con ella de trocallas,
que en esta pretension tan solo insisto,
Espero q̃ ẽrais, mas Dios no quiera,
que bien basta la gloria de mirallas,
en premio de la pena de auer visto.

## SONETO QVE HVA DAMA pouco affeiçoada a cousas de amor, mandou a Lysardo.

LYsardo pois de amor sois secretario
& vos fez nesta empresa seu priuado
dizeime que he amor, & seu cuidado:
porque entre nòs he tido por cossario.
As damas temno ja por aduersario,
& trazemno entre si tão infamado,
que a quẽ falla em amor desembuçado
julgãono por discreto ao contrario.
Eu que de ver seu mal ando afligida,
desejo de saber de suas leys,
& o mysterio em fim, q̃ amor encerra,
E como sei que o mais tẽpo da vida
gastais nestes segredos que entendeis,
so vòs podereis dar fim à tal guerra.

## REPOSTA DE Lysardo.

TArifa, quem de amor he secretario,
& chega ater empresas de priuado,
nao tẽ tanto descuido em seu cuidado,
que ẽ repostas de amor ande cossario.
Inrou amor de ter por aduersario
quem achasse em tais cousas infamado
que em auendo amor desembuçado
serão tudo amores ao contrario.
Mas por vos não deixar nisto afligi
vos respondo conforme a suas leis (da
os segredos que amor consigo encerra.
He hũa doce morte pera a vida,
hum segredo que vòs não entendeis,
hũa paz emque sempre se acha guerra.

PRE-

## PREGVNTA DE HVAS damas a Lysardo sobre a causa de seus amores.

COmpadecidas certo do tormento,
a quevosvẽ trazer rendido o peito,
tratarão certas damas de respeito
de vos darem combate ao sofrimento,
E pregũtauão a vosso entendimẽto
que conheceo em Siluia mais perfeito,
pera lhe dar tributo de sojeito
homem, de tão altiuo pensamento.
Se foy a vista so da fermosura
principio de lhe dar a liberdade,
facilmente alcançou de vòs a palma:
E quanto a ser successo da ventura,
não temos por ventura da vontade
render tão facilmente cousas d'alma.

## REPOSTA DE Lysardo.

ACompaixão que tẽdes do tormẽto,
a que dizeis trazer rẽdido o peito,
pago corteses damas no respeito,
que tenho em responder cõ sofrimẽto.
Que quando cãtiuei o entendimẽto,
nada julguei em Siluia mais perfeito,
que sendo perfeição todo o sojeito,
não tem mais que julgar o pensamẽto.
Nem foi sua admirauel fermosura
a causa de render a liberdade,
& lhe entregar de mi vitoria, & palma,
Foi hũ fauor notauel da ventura,
hũa elleição suprema da vontade
hum conhecer segredos, & bẽs d'alma.

SONETO EM QVE MOSTRA a causa de sua affeição, & o pouco fauor que teue nella.

QVerendo amor tomar dura vingãça
da liberdade antiga que gozara,
& fazerme comprar em dobro cara
a vida que passei entre bonança,
Posme o cuidado em aspera balãça
pello desejo de hũa Phenix rara,
& quãdo o pensamẽto a mais chegara,
deixaraõ de seguir minha esperança.
Mostroume hũs olhos verdes sossega
& por cima dous arcos vitoriosos(dos,
de hũa certa brãdura acompanhados:
Mas achei seus effeitos rigurosos,
que nunca de matar viuem cansados,
& tão duros me saõ, quanto fermosos.

SONETO EM QVE COTEjando o estado liure, & namorado, julga o segundo por melhor.

POnhome a contemplar na fantesia
quãdo me vi em mais ditoso estado,
se agora que me vejo namorado,
se quando deste amor liure viuia,
Então destes cuidados so fugia
tendo por riso a vida com cuidado,
agora pesaroso do passado,
tenho por gloria aquilo que temia.
Bem vejo que era vida deleitosa
aquella que passaua sem temores, (ro
quãdo os gostos de amor tinha por vẽ
Mas vẽdo agora Siluia tão fermosa,
julgo as cousas presentes por melhores
& as antigas por sombra de torméto.

SO-

SONETO EM QVE DIFFINE
que cousa seja o amor.

DIzem que fére amor cõ passadores,
& que traz em matar o pensamẽto:
mas eu julgo que tem amor de vento
quẽ cuida auer no mũdo tais amores.
Tambe dizẽ q̃ o pintão os Pintores,
minino, nu, & cego: & tão sem tento,
q̃ he mais cego, & mais nu dẽtẽdimẽto
quẽ cuida que em amor cabẽ tais cores
Amor he hum spiritu inuisiuel,
q̃ẽtra por onde quer, & abrãda o peito
& sem arco, aljaua, ou seta dura.
Pòde nũ peito humano o impossiuel
recebese somente no conceito,
& tem no coração posse segura.

SONETO A HVM FAVOR
que Siluia lhe fez em lhe
dar a mão.

PInta quẽ quer mostrar seterno amor
duas mãos dadas, & sabiamente
que assaz prendas obriga quẽ consente
deixarse penhorar com tal penhor.
Eu que cuidei pintar isto melhor,
& por outra inuenção mais excellẽte,
achando a mão de Siluia trausparẽte,
vi que em materia tal não cabe cor.
Apertei entre as minhas o cristal
daquella mão ao torno fabricada,
mas cara me sayo esta ventura.
Porque dali naceo todo meu mal
que sem o eu sintir, me tem armada
entre as potencias dalma guerra dura.

SONETO EM QVE LYSARDO se queixa do amor, porq̃ estãdo ausente de Silvia, lhe sayão hũs amores de que não tinha gosto.

QVe me queres amor se fundamẽto,
ausente de hũa gloria q̃ me deste,
se depois de ma dar te arrependeste,
a culpa tua foy, sofre o tormento, (to
Que cuidares mudar meu firme intẽ
com nouas affeições que me ofreceste,
nace de pura enueja que tiueste,
vendo tambẽ perder meu pensamento,
Pois quando de os ter livre vivia,
me quiseste meter nestes cuidados,
nelles te seruirei eternamente.
Mas pretender mudarme a fantesia
em outros, saõ trabalhos escusados,
que nos de Silvia só viuo contente.

SONETO A HVA ROSA QVE I cayo a Silvia dos cabelos, onde a trazia, & veo à mão de Lysardo.

SObrãoslhe mil razões d'estar q̃ixosa,
a esta da rosa pura que perdestes,
pois quando da roseira a escolhestes
foy por ser fare as outras mais viçosa.
E vendose colhida doutra rosa,
& pòsta no lugar onde a pusestes,
lusana com a gloria que lhe destes,
se fez na trença douro mais formosa.
E agora com perder lugar tão alto,
& verse em meu poder, tẽ por desgraça
a ordem que tiuestes em perdela:
Mas hum só bẽ lhe fica deste salto,
que em vos ficaua sea sua graça,
& ẽ mi por vir de vòs, fica mais bella.

SO-

SONETO EM QVE PROMETE firmeza em sua ausencia.

BEm pòde Siluia minha qualq̃r serra,
tirar a estes meus olhos sua gloria,
qualquer monte terà dẽ mim vitoria
qualquer piq̃no espaço ã fim de terra.
Mas cõtra hũ pẽsamẽto fazẽ guerra,
que traz em si pintada vossa historia,
& quãto mais cõtrastes, mais memoria
conserua hũ coração, que vos encerra.
Partome desses olhos graciosos,
mas por elles vos juro, que mudança
se não veja nos meus eternamente,
Que a magoa de os ver ficar choro-
estimulo serà pera alembrança (sos
de quẽ se ve de vòs viuer ausente.

SONETO EM QVE LYSARDO mostra a constancia que sempre teue no amor de Siluia estando ausente.

AGora tenho em mim bẽ conhecido,
à custa de tão larga experiencia,
que pode hũ coração posto ẽ ausencia,
guardar liure o castello do sentido.
E aquelle q̃ em ausencia he femẽtido
não me pòde sofrer a paciencia,
q̃ se diga que amou: pois sem falencia,
quẽ se hũ avez rendeo, sẽpre he rẽdido.
E ser verdade nua isto que digo,
entendo pella proua que em mi vejo
em tantos dias, & annos de tormento:
Nos quais não se acabou jamais co-
q̃ a Siluia offendesse no desejo, (migo,
ou noutro amor pusesse o pensamẽto.

SONETO EM QVE SE promete felicidades, pella transformação que amor fez nos que se amão.

SE he certo q̃ entre as almas namorafica a troca do sitio conhecida, (das
não viue logo em mim aquella vida,
que tiue nas bonanças ja passadas:
E se a minha, & de Siluia saõ troca-
não ha felicidade mais subida, (das,
pois hũa que julgaua por perdida
se me paga cõ ver duas ganhadas:
E pois cheguei a tão ditoso estado,
q̃ viue Siluia em mi, & eu ẽ seu peito,
não tenho que temer nisto mudança,
Pois quãdo me sintir della agrauado
a mim me queixarei, & a meu dereito
ella que viue em mim dara vingança.

SONETO EM QVE SE QVEIxa do mao galardão com que amor satisfazia seu cuidado.

GLoria me foi hũ tempo ser perdido,
perda notauel fora ser ganhado,
ganhei quando perdi ser libertado,
liure me vejo agora, mais vencido:
venci quãdo de Siluia fuy rendido,
rendime por não ser della deixado,
deixoume na memoria o bẽ passado,
passada gloria foy tella seruido.
Seruia, porq̃ ao bẽ que nella amaua,
amor me prometeo galardão certo,
& incerto me sayo quanto esperaua,
A esperança fica em desconcerto,
o concerto no mal que não cuidaua,
& o cuidado num fim triste, & incerto.

SONETO QVE LYSARDO fez por hũ disfauor grande que tene, em q̃ diz mal do nome de Siluia, & da affeição q̃ cõ ella tinha.

SIlua o féro Dragão na coua escura,
sendo por gente humana lastimado,
Silua no alto cume o vento irado
do edificio posto em grande altura,
Com silua o laurador torna segura
a riqueza do agro cultiuado,
em siluas morre sempre embaraçado
o simplez cordeirinho na espesura:
E se na primauera a silua lança
algũa flor alegre à vista humana,
he flor ao fim de silua, que maltrata,
Pois se a silua tal he, triste esperãça,
pòde ter, quẽ cõ siluas mais se engana,
que em fim a Silua fere a quẽ a trata.

SONETO EM QVE SE DESDIZ do passado, defendendo a causa, & nome de Siluia.

OS siluos de Dragão na coua escura,
saõ pragas de meu peito lastimado,
que vendose de Siluia desprezado,
lhe tocão na alma siluas de amargura,
E qual rustico, ẽ fim, dẽtre a espesura,
que guarda o tenro fruto com siluado,
quero com este nome mal julgado
guardar de alheas mãos sua brandura.
Mas silua que mil flores de si lança,
& amoras, que namorão gẽte humana,
não he siluo de fera, que maltrata,
He silua que tem folhas d'esperãça,
pòtas com que os trèdores desengana,
rosas com que d'enueja o mũdo mata.

SONETO EM QVE SE mostrão os effeitos do amor de Siluia.

BEm vejo dous contrarios nũ sojeito,
& dous féros imigos nũ suposto,
quando cõtemplo a graça desse rosto,
& a dura isenção de vosso peito:
E quando noto o mal de ser sojeito,
trazer da sojeição supremo gosto,
resoluome, q̃ amor tem presuposto(to,
mostrar na imperfeição ser mais perfei
Porq̃ hindo cõtra asleis da natureza,
nesta monstruosidade tão notoria,
com que me fez sintir pena de amores,
Hum feitiço vos pos nessa beleza,
cõ que me constrãgeo a ter por gloria
o ponto mais cruel de suas dores:

SONETO QVE LYSARDO FEZ a Siluia em dia de Pascoa, estando ausente della, & tendoa visto a noite da Paixão.

VI nas dores a gloria retratada,
na noite o claro Sol resplandecẽte,
quando se enluta o mundo, vi contẽte
de minha Nimph'a luz mais apurada:
E agora que em prazeres occupada,
contemplo pello mundo tod'a gente,
ando choroso, triste, & descontente,
pella ver de meus olhos apartada,
Ay vida desta vida que roubaste,
roubo da liberdade que antes tinha,
onde te vi meu bem, onde ficaste:
Melhor fora não verte Siluia minha
pois hũ bẽ que tão tarde me mostraste,
mo roubou a ventura tão asinha.

SO-

SONETO DE LYSARDO
a hum ramalhete, que Siluia
lhe mandou.

IN la que o dom em si fol estimado,
pellas flores que traz vos imitarem
a graça dessas maõs o concertarem,
faõ o lustre da flor auentajado,
E se escolher aqui me fora dado,
pellas rosas de mim não se agrauarem
tornaràs a mandar, por me leuarem
hum segredo consigo misturado.
Mas ay q̃ a mão ficou de mi ausente,
& o ramalhete vem por desengano
de se passar a vida toda em flores.
Porẽ, ja que este bẽ tenho presente,
quero viuer alegre no engano,
que me consentem ter estes amores.

SONETO FEITO A SILVIA
porque estando ennastrando os ca-
bellos em hum jardim, veo hũa
grande tempestade.

O Mundo todo esta, Siluia, queixoso,
pello Sol q̃ da terra lhe ausentastes,
quando cos fios douro que mostrastes,
esconder o fizestes d'enuejoso.
E pede, que ou cubrais o dõ fermoso
cõ que os raios de Phebo desdourastes,
ou descubrais aquelles q̃ ennastrastes,
pera ficar com elles mais lustroso.
Porẽ, das condições que elle deseja,
(se conselho quereis de quem vos ama)
nenhũa concedais Siluia fermosa:
Mas fiq̃ o Sol sem luz, pois tẽ enueja
o mundo conhecendo vossa fama
& vòs dum, & de outro victoriosa.

## SONETO FEITO A SILVIA, porque derramaua algũas lagrimas despidindose de Lysardo.

NAõ sei em qual se ve mais rigorosa
a força desta nossa despedida,
se em mim que sinto ja partir a vida,
se em vos, a quẽ contẽplo tão chorosa,
Vos com indicios dalma piedosa,
Mostrais a dor em agoa conuertida,
eu com me ver tão junto da partida,
nem agoa me deixou dor tão forçosa:
Vos pello q̃ entẽdeis de meu sintido
chorais tendo a causa inda presente,
pagandome ante mão quanto mereço:
Eu logo que me vir de vos partido,
nalma satisfarei estando ausente
esse amor, que nos olhos vos conheço.

## SONETO A HVM LENÇO que Siluia perdeo, & lhe veo à mão por via da pessoa que o achou.

OPrenda de meu bẽ, quẽ te alcãçara
daquella propria mão q̃ te lautou,
sem que outra, que da sua te alcançou
a virtude primeira te roubara.
Quem com tua cor pura cotejara
o cristal que contigo se limpou,
& quando entre as flores te deixou,
quem te vira ficar, & te guardara:
Mas pois q̃ se guardou tão bella sorte
pera quem a vintura tem mimoso,
he bem que este desejo me não valha.
Inda q̃ espero ser chegãdo a morte,
com tão ditosa prenda venturoso,
seruindome em tal tẽpo de mortalha.

SO-

SONETO QVE SILVIA mandou fazer pera cantar sobre a materia do Psalmo super flumina.

SObre o Rio Chobar todos sentados,
que a impia Babilonia vai cercando,
começamos com lagrimas chorando,
lembrarnos dos lugares consagrados,
Em viua agoa os olhos arrasados,
que hũa lembrança triste estãgerando,
a tempos com sospiros compassando
hũs cãtos mais chorosos, que cãtados.
Mil saudosos ays os velhos dauão,
as mãys os filhos olhão lastimosas,
que nos maternos braços sustentauão,
E como de algum dano temerosas,
seus rostos cos dos filhos aiuntauão
mil palauras dizendo saudosas.

SONETO A SILVIA Estando concertando o tousado sobre hũa fonte.

POr mostrar o poder da fermosura,
que motiuo me fez o peito isento,
desenuastraua Siluia o fresco vento
os cabellos, sobre hũa fonte pura:
E vendo ao natural sua figura
tão bella, no cristal humido, & lento,
sintio grande paixão no pensamento,
não vendo nelle arder noua quentura:
E largando a mão resplandecente,
inquietou as agoas sossegadas
dizendo, não sereis mais tão ditosas,
Que pois cõ minha vista morre a gẽte
se cõ me ver não sois chamas tornadas
he porque tendes frio de enuejosas.

SONETO A SILVIA ESTANdose apertando a hum espelho.

NAõ sei qual de vos fica mais ditoso
nesta fermosa troca que ordenastes
se vòs que no espelho vos olhastes,
se elle que pintou rosto tão fermoso.
Elle não pode ser mais venturoso,
pois dẽtro ẽ seu cristal vos retratastes,
& vòs pois a vòs mesma cõtemplastes,
nao tẽdes que esperar bẽ mais gostoso:
De modo, q̃ em contẽda de tal arte,
não sei julgar qual he mais excellente,
pois ventajem não ha, que grande seja:
Sò confesso de mim, q̃ qualq̃r parte
das duas, me fizera tão contente,
quanto pellas não ter, morro denueja.

SONETO A SILVIA, ESTANdo brincando com hum minino.

NAõ façais a hũ minino tais fauores,
inda q̃ mostras tenha de innocẽte,
que pòde ser o amor ligeiramente,
vestido por meu mal de alheas cores,
Que como por vos ver morreo de amores,
& deseja vingar seu accidẽte,
nũ brinco q̃ as mais vezes se não sente,
trocarà meu descanto em cẽ mil dores:
Lẽbreuos o que fez hũ tẽpo a Dido
na figura de Ascanio transformado,
& não vos confieis nessa figura:
Olhai q̃ as proprias manhas tẽ Cupido
& pòde nesse gesto demudado
mudar em vos amor & em mi ventura.

SO-

SONETO EM QVE LYSARDO promete continua firmeza no amor de Siluia.

BEm pòde o mar as feras dar abrigo,
& a terra ser dos peixes habitada,
as pedras praticar com voz formada,
& as aues ter o ar por seu imigo,
Os cordeiros trara em paz consigo,
a Lioa de filhos rodeada,
& a Pomba de seu dano descuidada,
o Falcaõ tomarà por grande amigo.
Primeiro que de Siluia o pẽsamẽto
mude por outro amor, em quãto a vida
hũ segredo guardar, que eu só entẽdo.
E se outra cousa for duro tormẽto,
seja de meus descausos homicida,
& morra sem gozar o que pretendo.

# EGLOGA. I. DE MELAMPO, E LYSARDO.

SObre as agoas, q̃ o Tejo, ja cansadas
de receber as doces de mil fontes
sepulta sem rumor ẽtre as salgadas,
A horas, que no mais alto dos montes
o Sol cos rayos douro se mostraua
fazendo saudasos orizontes,
Do simples passarinho publicaua
a delicada voz, mudos amores
co grito, q̃ em mil q̃bros ordenaua,
Ouuiãose mil frautas de Pastores
cujo alegre som cobrando, vento,

causaua

causaua dentro na alma nouas dores:
E do rabel, & musico instrumento
a voz que de muy longe se ouuia,
aleuantaua mais o pensamento.
Dentre as claras ondas se sentia
hum rumor saudoso, & alterado,
quando hũa com outra se feria.
Saltaua o mudo peixe aluorosado
a brandura de tempo festejando
por ẽtre o cristal mãso, & sossegado,
O gado pelos vales caminhando
se recolhia ja pera as Aldeas,
as horas do abrigo adeuinhando,
Sentiase hum rumor sobre as Colmeas
do surdo enxame nouo, q̃ se vinha
às casas recolher de flores cheas.
O Roixinol, que a sombra ja vezinha
da noite sobre si consideraua,
em nouas armonias se detinha.
Tudo paixões damor representaua,
& Lysardo presente a todas ellas,
como se ausente fora, as contẽplaua
q̃ como na alma tinha outras maisbellas
não podião estar em hum sojeito
o resplãdor de fogo, & das estrellas,
Tinha formado então nouo conceito
da causa principal de sau tormento,
& feito branda cera o duro peito,
Em Siluia transformado o pensamẽto
& ella dibuxada em quanto via,
lhe vsurpaua mais o entendimẽto,
Ora nas claras ondas a fingia
achando seu cristal muy semelhãte
àquelle que nas agoas descubria,
E do dourado Phebo a radiante

luz

luz, que cos olhos della comparaua,
achaua elle nos seus menos galante,
E como a fantesia debuxaua
presente, o que ausentara sua sorte,
como se alli estiuera lhe falaua:
Silvia, se ordena o Ceo, q̃ minha morte
consista só na vida que desejo
pera dilatar mais pena tão forte,
Se quer q̃ estes teus olhos cõ que vejo,
a luz dos meus que trazes vsurpados
acabem nesta dor com que pellejo.
Seja cõ ver mais brados teus cuidados,
& com dizer, Pastor serei contente,
dever por mi teus gostos sepultados
Que nesta sepultura facilmente,
inda que me ausentaua de gozarte:
não me fingira estar de ti ausente:
Que quẽ morria em fim por cõtentarte
o gosto de morrer, indaua viuo,
pera em vida, & morte acõpanharte,
Mas vendote esse rosto tão altiuo
de abster a liberdade a oõ q̃ a chado,
não sei q̃ me não se a tõpo esquiuo,
Ou faze a perfeiçaõ como o cuidado,
ou seja a condição tão amorosa,
como esse rosto tenro, & delicado,
Que trazer inuenção taõ enganosa,
como he féra isençaõ cõ gentileza,
naõ se sofre em pastora tão fermosa
Olha Syluia dest'alma, que a dureza
metida nesses olhos d'esperança
faz notauel afronta à natureza,
Pois ella nos sinais mostra bonança
não na faças falsaria com mostrares
ao q̃ ella firme faz tanta mudança,

Poi

Pois dotou de graças singulares,
satisfaze Pastora hũ bẽ tamanho,
sómente cõ te rir quando matares;
Que não fica morrendo pouco ganho
àquelle, q̃ por ti morre de amores,
ver presẽte o seu mal bẽ tã stranho,
Que se alcançara ver em minhas dores
hum gosto de te ver contente dellas
naõ pretẽdera mais outros fauores.
Mas como he possiuel padecellas,
quẽ de ti não vio mais em tãtos ãnos
que a causa, q̃ inda te pera sofrella?
Mostrarasme se quer, doces enganos,
& com elles ficaraõ meus cuidados
satisfeitos na paga de seus danos,
Ah Siluia dos meus olhos, quã chorados
tenho teus disfauores nesta serra,
q̃ ja vejo enfadada de meus brados,
E quantos ays em vão dentro encerra
o concauo rochedo deste monte
bastantes a fazer cõ brózes guerra,
Mais quisera dizer, mas vio defronte
hum rebanho de ouelhas, q̃ chegaua
a beber no Cristal de certa fonte,
Conheceo, que Melãpo as gouernaua,
que fora ja de Siluia namorado,
& de ciumes delle se queixaua,
E como vio Lysardo estar sentado
na rocha que pendia sobre as agoas,
a elle se chegou dissimulado,
Dizendolhe Pastor sobre estas fragoas
cantei ja cantigas amorosas,
& publiquei a Siluia minhas magoas
Aqui lhe trouxe ja coroas de rosas,
& me vi da ventura taõ mimoso,

que

q̃ é premio me ẽtregou as maõs fer-
E pera me fazer mais vẽturoso (mosas
cõ lagrimas mostrou quanto sintia
verme partir de si triste, & choroso,
E eterna fẽ me deu, que naõ faria
fortuna neste amor nunca mudança,
mas a pesar do tempo a guardaria.
Agora me disseraõ, que esperança
trazias de alcançar della fauores,
posta sobre indiscreta confiança.
Podes buscar Lysardo outros amores,
q̃ alẽ destes que tratas me offenderẽ
naõ terás delles mais, q̃ cẽ mil dores
E quando em mor ventura te puserem,
saõ fauores em fim doutrẽ deixados
q̃ se hũa vez amimaõ, outra serem,
Empréga ẽ melhor parte teus cuidados
que mil Pastoras ha, que te desejaõ
em que podẽ ficar bẽ empregados.
E naõ cuides q̃ os meus nisto te ẽuejaõ
que em querẽdo cõ Siluia ser validõ,
pouco m'importa a mi q̃ outros o se
Muitas vezes teràs Pastor ouuido, (jaõ
q̃ sẽpre foi melhor o amor primeiro
& todos fóra delle he bem fingido,
Sertei sempre no campo companheiro
se este nouo amor desemparares (ro
q̃ é fim naõ te ha de ser bẽ verdadei-
Pastor (disse Lysardo) com cuidares
de mim, q̃ estimo a Siluia sobre tudo
te posso responder ao que fallares,
Que se a quanto disseste me fiz mudo
foy, pera te mostrar q̃ meu cuidado
se funda nũ principio muy sesudo,
E se de Siluia foste hũ tempo amado,

& te aceitou coroas de mil flores,
amor o tinha assi determinado,
Pera que à contra só de suas dores
soubesse Siluia nellas ensinada,
fazerme agora a mim tãtos fauores,
E se viste de Aljofre matizada
a face de Cristal, quando partias,
nã foi por ser de ausẽcia maltratada
Foi pagarte essa dor, que entaõ sintias
cõ paga de tal preço, que entẽdesses
passar muito alem do que valias,
E por mais q̃ nas maõs lhe prometesses
a fé, q̃ naõ guardaste: naõ m'espanto
de tas deixar tocar quanto quisesses,
Que ao rustico, vestido em pobre mãto
deixa tocar tambem o Rey famoso
as maõs, q̃ pera o mais stima tanto,
E se te viste hum tempo venturoso
cõ a fé q̃ te deu de sempre amarte,
cõ lha quebrares, tu foste aleiuoso
Ia se sabe Melampo em toda parte,
q̃ por mudares noutra o pẽsamento,
deixou a bella Siluia d'estimarte,
E agora se de ver que trago intento
de lhe q̃rer, tẽs dó de minhas doores,
deixame só morrer cõ meu tormẽto
Que quanto ellas ẽ mim forẽ mayores,
mais as estimarei, pois vou ganhãdo
cõ ellas mais fauor nestes amores,
E quanto mais o tempo vai andando,
mais se acrecẽta o gosto de perderme
pella causa, que estou considerando,
E se isto naõ bastar pera quererme,
fiqueme o bẽ d'estar em tal lẽbrãça,
& seja pera mais aborrecerme,

Que

Que mudar noutra parte a confiança,
tão escusado he Melampo amigo,
como teres em Siluia confiança,
E pera te dizer o fim que sigo
Entende, q̃ he lançar gritos ao vẽto
conformar neste amor nũca cõtigo,
Que a força natural do entendimento
me obriga a cõseruar hũ bẽ tamaõ
& não apartar delle o pensamento,
No tempo que de Siluia fuy estranho,
& suas perfeiçoẽs não conhecia,
dera ẽ trocas damor dobrado ganho
Mas agora que ví a luz do dia
Nacer ca ẽtre nòs dũs olhos verdes,
se delles me apartasse, que faria!
Ay olhos dos meus olhos, se entẽdendes
que por alhea luz engeito a vossa,
cubriuos pera mi sẽ mais meverdes.
Busca Melampo amigo, em que possa
seruirte, faloey c'os olhos dalma,
& não me toqs mais sobre esta groça
Antes me obrigarei a frio, & calma
& passar este mar sem remo, & vèla,
q̃ deixar de lhe dar de mi a palma:
Pois ensistes Lysardo em querela
(disse Melãpo) eu juro a estas agoas,
q̃ com dobrado mal fiques sem ella,
E lẽbrarteha, q̃ aqui sobr'estas fragoas
pronostiquei em paz, & brãdo trato
o remate cruel de tuas magoas,
E pòde ser te fora mais barato
aceitar o que aqui te aconselhaua,
que mostrarte a tudo tão ingrato,
Que quẽ de Siluia o certo te mostraua
não era por temer danos denueja,

dos bẽs, cõ q̃ a ventura te amimaua,
Mas querome apartar de mais peleja,
& recolher meu gado a seu abrigo,
q̃ o tẽpo mostrara qual teu bẽ seja,
Acompanhete Deos Melampo amigo,
(disse Lysardo) & nũca des conselho
a quẽ o não quiser tomar contigo,
Que dado q̃ no amor não seja velho,
os cuidados q̃ tenho me ensinarão
a ver o q̃ me importa em bõ spelho.
Com isto os dous Pastores se apartarão
leuando em pensamentos diferẽtes
a tenção que na pratica mostrarão,
q̃ saõ propios damor tais accidẽtes.

# EGLOGA II DE SILVIA, E LYSARDO.

PElo ardor do Sol, que ja tocaua
o ponto principal do meo dia
todo animal da calma repousaua,
Nenhũa voz humana se sentia:
mas em cómum silencio sepultada
a serra, & fresca varzea parecia
No meo da floresta mais cerrada
descansaõ as ouelhas, & cordeiros
em roda muy igoal, & compassada,
Ouuiasse a Cigarra nos Vlmeiros
com importuno grito, entristecẽdo
o Eco, q̃ respõde entre os outeiros.
As manadas de Bois que hião decendo
a se meter no Tejo sossegado,
cũma rustica paz se estão lambendo,

E o Touro feroz ſtimulado
com a bruta affeição da vaca bella,
atroa o manſo rio com ſeu brado,
Senteſe com voz branda Philomela
cãtar dẽtre os Sinceiros ſuas magoas
& dar gritos a Melroa junto della.
Ouuiaſe hum rumor das claras agoas,
q̃ ſe vinhão lançãdo da do monte,
q̃l ſerpes de criſtal por ẽtre as frágoas
Eſtà o Pintaſirgo ſobre a fonte
banhandoſe cõ voz palreira, & lèda
ſem que a ligeira pena ſe deſponte,
E o negro Storninho, que ſe enrèda
no laço que entre as eruas s'eſcõdia
com gritos ſe magoa de tal què da.
Tudo em fim ſaudade prometia,
& deſcanſo aos membros affligidos
co trabalho, & ardor do largo dia,
Só Lyſardo, que tinha nos ſentidos
outro ardor mayor, & mais ferũte
naõ ſintia os do Sol embrauecidos.
Via de Siluia o roſto tranſparente,
& nas perfeições delle trãsformado
ſe via de ſi meſmo eſtar auſente,
Querialhe falar, mas enleado
ficaua com receos de offendela,
q̃ he natural temor ao namorado.
Os olhos leuantaua para vella,
& quãdo cos de Siluia ſe ẽcõtrauão
tornauãoſe abaixar cõ temor della,
Do que ſegredos dalma ſe falauão
entre aquelle calar, & que conceitos
os olhos com ſe ver, cõmunicauaõ,
O fogo q̃ abraſaua os brandos peitos,
moſtraua cõ ſoſpiros ſinaes certos:

q̃ naõ tinha os ardores cõtrafeitos,
Lysardo, que os effeitos descubertos
Mostraua deste mal que padecia,
naõ curou de os ter na voz cubertos:
Mas cõ hum ay, que dalma lhe saya,
em dous rios de lagrimas banhado
posto diante della, lhe dizia:
Siluia, pois teu amor me tem chegado
a naõ saber de mi, se morro, ou viuo
ouue o q̃ diz hum corpo sepultado.
E se offendido for teu peito esquiuo
cõ ouuir minha pena mal cõtada,
abranda hũ pensamento taõ altiuo,
Pois tu, que neste peito stàs pintada,
& a meus tristes mẽbros dàs alento
a propia voz gouernas, q̃ te enfada,
Nota fermosa Siluia meu tormento,
pois sendo tu a propia q̃ ẽ mi falas,
por ser de mi, naõ tẽs cõtentamẽto,
E bem vejo, q̃ a causa porque callas,
he, porque dessa voz o Eco graue
nã se ouça neste peito a quẽ abalas:
Mas como de veneno taõ suaue
morreo Pastora em mim a cobardia
mãdame amor falar, em q̃ te agraue,
Que mòr offensa, cuido, te faria,
se taõ honrosa pena naõ mostrasse
do q̃ te faço, em ter tal ousadia:
E quando algũa offensa resultasse,
amor a pagarà, pois me mandou,
que à sua conta propria ta contasse,
E como a liberdade me roubou
na propria parte quer satisfazella,
onde sem tal riqueza me deixou,
E sendo tu Pastora, só aquella,

em cuja maõ conheço este tisouro
de ti só quero dar minha querella,
Que naõ se satisfaz com prata, & ouro
a liberdade dalma, que roubaste
pello roubo da q̃l tãto ha q̃ mouro.
E pois a tais estremos me chegaste,
ou me torna qual fui antes de verte,
ou leua tudo o mais q̃ me deixaste.
E se na morte posso comprazerte
mais q̃ na triste vida que aborreces,
antes a morte quero, que offẽderte,
Dizeme só pastora que agardeces,
a vida, que por ti estimo em nada,
& sem ella veràs quẽ nella empéces.
Oo Siluia dos meus olhos quã trocada
me tẽs a cõdiçaõ, q̃ em tẽpo antigo
foi por liure de muitos enuejada.
Leuoume tua graça là consigo
hũ cuidado, que em si nenhũ trazia,
& mil de amor crueldeixou comigo
Acho guerra cruel na fantesia,
sem ver donde naceo ao pensamẽto
perder aquella paz em que viuia,
o que dobra mais este tormento,
he ver, que entaõ seuéra grauidade
lango sem fruto algũs gritos aovẽto
Tem Siluia destes males piedade,
ou me desterra là na Lybia ardente,
onde morra por ti de saudade,
Olha que em tal belleza naõ consente
amor, que viua hũ peito taõ esquiuo
& de cruel te note a mais da gente.
E se imaginas là no peito altiuo,
q̃ nã sã muy esquiuas minhas dores,
pois pera tas dizer me deixaõ viuo.

Sabe, que se as tiuera inda mayores
com mayor efficacia me queixara,
q̃ nã mata a paixã vinda de amores,
E se speras algũa Phenix rara,
q̃ possa em perfeições satisfazerte,
he aue, que a ventura vende cara,
E conuirà por ti propria perderte
quãdo amante quiseres, q̃ por graça
possa de todo ponto merecerte,
Mas se a falta dum peito te embaraça,
em q̃ vejas amor em grao sublime,
eu te juro, que o meu te satisfaça,
E quando contra ti achares crime
na palaura q̃ dou, eu proprio quèro
q̃ com morte seuèra em mi se lime:
Dame Siluia fermosa hũ si, que spero
& mostrame esse rosto gracioso
sem esses graues termos de seuero,
Cessa Lysardo ja de estar queixoso
(lhe disse a bella Siluia) q̃ essas dores
amansarão hum Tigre furioso,
E se naõ fora ver, que os amadores
dagora, daõ a fé sem fundamento,
mil speranças dera a teus amores,
Que nas prendas de teu merecimento
tiuera as minhas teu taõ bẽ fũdadas,
quãto me ensina cà o entẽdimento,
E se as agoas, que vejo derramadas
deses olhos sã dalma, & verdadeiras
naõ sairaõ Pastor mal empregadas,
Que se no merecer foraõ primeiras
estes olhos q̃ em vellas se abrãdaraõ
faraõ q̃ em mi naõ sejã derradeiras.
E tantas gotas, quantas derramaraõ
foraõ rayos ardentes, que no peito
a li-

a liberdade antiga me abrasaraõ:
Mas naõ he nouo em ti sereſme aceito
que quando eu naci, ja minha ſorte
tinha eſte contrato entre ſi feito,
E como me regia hum certo Norte,
q̃ depois de te ver tenho entendido
elle me guiara tè minha morte:
Por onde ſe naõ fores fementido
a lei de firme amor, ſerei contente,
c̃ ſer por meu tratado, & conhecido
E naquillo que meu primor conſente
naõ faltarei hũ ponto a teu deſejo
por mais danos q̃ o mũdo repreſẽte
Mas entende tambem, q̃ neſte enſejo,
naõ duraràs Paſtor ſe teu cuidado
algũ tẽpo naõ for, qual ora o vejo,
Porque o ponto damor mais refinado,
ſe com ingratidaõ mo ſatisfazem
me fica ẽ mortal odio trãsformado,
Por onde ſe meus olhos em ti fazem
os effeitos damor que me diſſeſte
nũca os teus cõ mais lagrimas ſe arra
Que pella fe, q̃ nellas prometeſte, (zẽ,
te dou a maõ de ſer igoal na paga
de quanto em amor ja mereceſte,
E de dar tal remedio a tua chaga
que tenhas ſua dor por muy ditoſa,
inda que tanto mal conſigo traga,
E niſto alargando a maõ fermoſa,
& tomandolhe ás ſuàs, alterada
o roſto ſe lhe fez em cor de roſa,
Elle que ſua ſorte leuantada
vio a tamanho bẽ, como paſmado
tinha aquillo por couſa imaginada,
Qual o q̃ ſonha verſe em grãde eſtado,

& de perder aquella vaã bonança
sente hũa leue dor sendo acordado,
Tal o Pastor em sua boa andança
temia de fazer experiencia,
por naõ perder de todo a cõfiança,
E como quem carece de sciencia,
que offerecendolhe cousas de valia,
as naõ sabe estimar sua inocencia,
Assi o Pastor pobre que se via
com obra de Marfim taõ estremada
com a olhar sómente emmudecia.
Mas vẽdo em fim nã ser cousa sonhada
o fauor que de Siluia tinha claro
mil vezes lhe bejou a prẽda amada,
Dizẽdo em quãto o Ceo naõ for auaro
com sua luz à terra em que viuemos
verás que tua ley naõ desemparo,
E porq̃ em algũ ponto igoais fiquemos
eu em querer, & tu em ser fermosa
ficaremos no mundo por estremos,
Que quem chegou a cousa taõ honrosa
de quẽ o mundo todo tem enueja,
a morte fica nelle muy lustrosa.
E se meu pensamento mais deseja,
q̃ morrer por seruirte, o Ceo & terra
cõtra mi conjurados sempre veja,
Negueme pasto ao gado a fresca serra
& quando for beber sequese a fonte
que neste sinceiral verde sencerra,
Morra com saudades neste monte,
sem ter Pastor estranho, nem amigo
a quẽ minha paixaõ estranha conte,
Sejame o brando amor sẽpre enemigo,
& de ti com tais veras desamado,
q̃ mais gozar naõ possa paz cõtigo,

E por

E por trédor nas leis de amor julgado
me veja entre Nimphas, & Pastores
& como tal de todos afrontado,
E pera dar remate a teus temores
te dou a maõ & fé de sẽpre amarte,
& nunca ja faltar nestes amores,
Seguro podes hir a qualquer parte,
succeda bem, succeda mal a sorte,
q̃ em todas determino de buscarte,
Questas maõs, q̃ amor liga ẽ nò tã forte
naõ poderaõ ja mais ser diuididas
em quãto as nã diuide a fêra morte.
Pois onde as vontades saõ vnidas
por mais cõtrastes q̃ aja da vẽtura,
nã pòdẽ noutro amor ser repartidas
Viue nisto quieta Nymipha pura,
que àpena de ficar por fementido,
podes em minha fé viuer segura.
A tudo lhe deu Silnia prõpto ouuido,
& de suas promẽssas satisfeita
lhe disse cõ hum riso brandozinho,
Vejame eu ao Ceo ser taõ aceita,
quanto tu ficas na alma retratado
desta, que por ti só todos engeita.
De mi (disse o Pastor) perde cuidado,
que a ti propria te dou por fiadora,
ẽ quẽ me acharàs sẽpre trãsformado
E vendo ja, que o gado por ser hora
de pacer pello vale andaua em vélla
lhe disse o Pastor: A Deos Pastora,
A Deos Lysardo meu (lhe tornou ella)
& saltandolhe as lagrimas a pares
com a touca limpou a face bella,
Elle pagando aquellas com milhares
nacidas de hũa occulta saudade,

cõ sospiros rompia os frescos ares.
E como era de outrem a vontade,
viraua atras os olhos lagrimosos,
por ver quẽ lhe leuaua a liberdade.
E às vezes encontrando c'os fermosos
de Silùia, que por vêlo atras boluia,
se dobrauaõ os termos saudosos.
Assi foraõ seguindo esta perfia,
tè q̃ hum piqueno vale de aruoredo,
à desfez com a vista que encubria,
deixãdo cada qual choroso, & lèdo.

# EGLOGA III.

## DE LYSARDO, E ALBANO

OVçame Ceo, & terra oque cantando
Quero manifestar em minha rima,
Ouçame quẽ damor quer hir passando
Sem muito se queimar o ardẽte clima.
Atento me ouui, hide notando,
E vereis relatar com arte prima
Hum segredo d'amor nunca sabido
E o modo de vsurpar nosso sentido.

E vòs em cujo peito amor ordena
Mostrar de seu poder exemplo claro,
Os olhos leuantay, que em rude auena
Vos contarei por tom no mundo raro,
Cantarei dum Pastor, à cuja pena
O Ceo se mostrou, sẽpre pouco auaro,
Atento m'escutay, que vou cantando
O que as Musas me yaõ vaticinando.

Ouue hũ Paſtor do Tejo a quẽ vẽtu
Fez em perfeiçõis dalma taõditoſo,(ra
Que duuido ſe achaſſe fermoſura
Em roſto, que o foſſe mais fermoſo:
Mas como eſtes brincos ſaõ pintura,
Sojeita às leis do tempo perigoſo,
Ficaraõ nelle ſo tendo a palma
As ſumas perfeições fundadas nalma.

E nella hum amor taõ excellente,
E com tais fundamentos aſſentado
Que ficou por exemplo entre a gente
E auido por notauel ſeu cuidado:
E como hũ peito nobre naõ conſente
Em auſencia d'amor, verſe mudado,
Foy taõ notauel niſto, que queria
Em dobro, quando auſente ſe ſintía.

E como dos Paſtores conhecido (rey
Foſſe por grãde meſtre ẽ mal de amo-
Quando delles ſe via algum perdido
com elle conſultaua ſuas dores:
Sò Albano, que liure do ſentido,
Se ria doutros muitos amadores,
Querendo de Liſardo ſer ouuinte
Lhe preguntou hũ dia iſto ſeguinte.

Ha mil dias Lyſardo, que deſejo
ſaber do mal de amor algũ ſegredo,
por quẽ tãtos Paſtores morrer vejo.
E como de ſeus danos tenho medo,
antes de fazer nelle experiencia,
folgarei que me digas ſeu enredo.
E ſendo iſto materia de ſciencia,
de ti a ouuirei com grande goſto

que a tudo dàs gentil expediencia.
Sentemonos aqui neste recosto
q̃ à sombra destes Mirtos leuãtados
poderemos estar tè o Sol posto.
E porque vaõ os termos ordenados,
pregũto q̃he o amor, porquẽ a gente
traz ẽ duro tormẽto seus cuidados?
A causa porque todos vulgarmente
o celebraõ com nome de Cupido,
& o pintaõ em forma de innocente?
Que quer dizer o arco taõ temido,
& as ligeiras asas com que voa,
& a vãda cõ q̃ o rosto traz cingido?
A seta com que os campos despouoa
de isentos, coraçóes, que a liberdade
engeitaõ, & apaixaõ julgaõ por boa?
Se saõ isto patranhas doutra idade,
que as velhas cõpuseraõ ẽ cantigas,
ou cousas assentadas em verdade?
Pègote mais Pastor, que o certo digas
das tyranicas leis, q̃ poem na terra,
q̃ eu sẽpre tiue ẽ mi por enemigas.
Oo venturoso tu, pois só da guerra
q̃ amor ordena (disse entaõ Lysardo)
apacentas o gado nesta serra.
E cem mil vezes triste eu, que guardo
o meu cõ mil cuidados trabalhosos,
sẽ nũca ver o fim, q̃ sẽpre aguardo.
Mas saõ estes trabalhos taõ gostosos,
q̃ no desgosto seu consiste a paga,
que cõmunica amor aos amorosos:
Porque naõ ha cuidado q̃ hũ mal traga
se sẽvir de hũa esperança acõpanhado
que serue ao pensamento de triaga.
E pois de amor desejas explicado

o ponto

o pôto em que consiste sua essencia,
& o segredo que tem menos vsado,
Inda que fique àquem minha sciencia,
ficaras entendendo algũa parte,
se com tudo, tiueres aduertencia,
Porq̃ as cousas damor saõ de tal arte,
que se apartares dellas o sentido
serà trabalho vaõ nellas cansarte,
Sabe pois, que o amor bem difinido
he hũa alma cõmũa das potencias,
& hũ segredo entre ellas conhecido
E como hũa alma tẽ tres excellencias,
de memoria, võtade, & entẽdimẽto,
daquella só essencia, tres essencias,
Assi ellas em si tem certo assento
q̃ em tudo quãto intẽtãvai seruindo
de hũa conforme ley, & regimento,
E como em consistorio confirindo
o que o sintido traz por sua via,
vaõ o justo do injusto diuidindo,
Porque se a vista manda à fantesia
algũa perfeiçaõ extraordinaria,
o sentido comum serue de guia.
E leuandoa ja de forma varia
a poem cõ perfeiçaõ mais realçada,
ante outra potestade maisplenaria,
Alli do entendimento he julgada,
& achando boa ser, manda à võtade
a tenha dentro em si muy estimada.
E como a ja recebe de verdade
a memoria dentrambos cõpanheira
a sobe noutro ponto, & dignidade:
Porque a fixa em si de tal maneira,
q̃ em todos os rebates da lẽbrança
a faz logo à vontade ser primeira,

E quando sente indicios de mudança,
alẽbra o pensamento, q̃ lhe importa
pesar tudo, em justissima balãça:
Assi, que se a vontade sente morta
a fé q̃ lhe entregou o entendimento
có os bẽs da memoria se conforta.
E recebendo della nouo alento,
se inflama no desejo do que espera,
fazendo mais entregue o pẽsamẽto.
E como esta vontade, que antes era
regida da rpzaõ, se deprauou,
tardandolhe o desejo desesspera:
Porque como dentro em si depositou
beleza, que o juizo ouue por boa,
cuida q̃ logo a posse lhe entregou.
E como deste engano se magoa,
daqui se gera a dor, q̃ o triste amãte
em saudosos versos apregoa.
E quanto ao nome extrauagante,
q̃ os antigos lhe deraõ de Cupido,
tambem foi de segredo importante:
Porque o peito, q̃ amor ja traz rẽdido
no desejo do que ama aferuorado,
he dum fero apetite cõbatido:
E como este nome interpretado
significa appetite antigamente (do
lho deraõ, por naõ ter outro alcãça
E pintalo minino a mais da gente,
foi pera declarar, q̃ amor do peito
velhice em suas cousas naõ cõsente,
Pello arco, & setas o conceito
quiseraõ ensinar da liberdade,
có q̃ fere o amor sem ter respeito,
Pellas asas que tem, a breuidade
có que ensina a voar o pensamento
dos

dos ausentes, q̃ se amaõ de verdade:
Pella venda dos olhos; quaõ isento
està de olhar respeitos, quẽ bẽ ama,
à conta de seguir seu firme intento.
E quam pouco atenta pela fama,
& por outros contrastes perigosos,
quẽ dovẽdado amor sintio a chama.
De modo que os prouerbios fabulosos
foraõ antiguamente Albano amigo,
fundados em segredos proueitosos.
Nem te quero gabar seres imigo
damor em tal estremo, q̃ aborreças
quẽ cuidados damor guarda cõsigo:
Porque dado que tu o naõ conheças,
tempo te pode vir por qualquervia,
q̃ por seguir amor te desconheças.
E pode amanhecerte qualquer dia,
no q̃l sẽ conhecer como, nẽ quando
aches presa damor a fantasia.
Certo Lysardo amigo, que notando
stou(lhe disse Albano)como os meos
estàs do firme amor subtilizando.
E como penetrando seus enleos,
& conhecendo a via porque mata,
te obrigaste a seguir tantos rodeos,
Que pois as liberdades disbarata,
naõ he rezaõ q̃ o mundo de ti diga
que lhe vendeste a tua taõ barata.
De mim te juro a fé, que nunca siga
em quãto me entẽder, noites nẽ dias
cuidado, q̃ a perder o sono obriga.
Sigaõno la Petrarchas, & Mancias,
q̃ eu querome cõpor, com ser isento,
& naõ quero viuer de alegorias,
E pois bolle da tarde o brando vento,

cantemos da isençaõ algũs louuores
& começa a tocar teu instrumento.
Esses quero eu cantar de meus amores
(lhe disse) q̃ terei, emquanto estrellas
o Ceo em si tiuer, & o cãpo flores.

## SONETO DE ALBANO.

QVẽ cuida auer amor, viue ẽganado
Engana se quẽ tem tal pensamẽto,
Saõ cuidados de amor, torres devento,
Que em fim o vento leua este cuidado,
Fundeime no amor, fiquei frustrado
Que he falso em todo bẽ seu fũdamẽto,
Naõ ha no mũdo amor, q̃ tenha assento
E todo amor da terra he bem sonhado.
He cego pera o bem, & co bem cega,
E pera o mal subtil, & cauteloso (ga,
Trẽdor ao coraçaõ, quando se emprẽ-
Fugi homẽs, fugi deste aleiuoso,
Que mata cõ rigor quẽ se lhe entrega,
Fugi, que quẽ mais foge, he venturoso.

## SONETO DE LYSARDO.

QVẽ se auseta d'amor, viue ẽganado,
Pois engeita hũ gostoso pensamẽ-
Os gostos sem amor saõ leue vẽto, (to
Que em fim naõ haviuer sẽ tal cuidado
Nũca do honesto amor fiqi frustrado
Quando fiz em seus gostos fundamẽto,
Nada fora de amor tem certo assento,
E todo bem sem elle, he bem sonhado.

Clarifica

Clarifica a rezaõ quando està cega,
Pera fugir de trato cauteloso
O liure coraçaõ quando se emprèga
Naõ ay quem amor chame aleiuoso
Pois trata cõ fauor quẽ se lhe entrega,
E quem delle mais tem he venturoso.

As vozes deraõ fim,& à causa dellas,
porque se hia o Sol ja encubrindo
& a sõbra escõdẽdo as flores bellas,
E as mansas ouelhas,que subindo
se hiaõ pouco a pouco pella serra,
foraõ sua contenda diuertindo,
E pondo paz em sua branda guerra,
se abraçaraõ com grande cortesia,
q̃ como gente nõbre em si a encerra
nella vem a parar sua perfia.

## SONHO DE LYSARDO, que he quasi como a segũda parte de Crisfal.

FOrçame aley damor ò Siluia ingrata
a dizer que me mata hũ pensamẽto,
que como em leue vento: està fundado:
trazme o gosto mudado,& preuertido:
& funda em meu sintido: mil castellos,
q̃ quando chego a vellos: tudo he nada,
so acho retratada na memoria,
a causa desta historia: & de meu dano,
com que viui hufano: hum tẽpo breue,
mas foy a causa leue: acabou tudo,
que naõ ha amor sesudo: & venturoso,
eu viuirei queixoso: os breues dias
que estas lembranças frias: me durarẽ,

como se acabarem : farey termo,
que o coraçaõ enfermo:depravado,
como viue occupado:dos humores
do que lhe causa dores : so tem vida
& a força consumida do veneno,
acaba no sereno:quem padece
E se esta fé merece:outro respeito,
julgueo vosso peito: la consigo
& quando como imigo:me julgardes,
bastame só ficar desconhecendo,
que claramente entendo:o que padeço
Nem cuideis que vos peço:fauor nouo,
nem a isso me mouo nesta rima
que naõ naci em Clima:de fauores
so peço que estas dores:que causastes
vejais como as pagastes : com desgosto
inclinay pois o rosto: o Siluia féra
vereis de quem espera: hum caso raro
que vi patente & claro: nesta idade,
& tendeo por verdade:que naõ minto,
mas como aqui o pinto:passou certo,
& do que vi esperto:mo causaraõ,
especies que ficaraõ : no sentido,
& assi estando dormido:vi patente
isto que breuemente:hirei contando.

Começa o Sonho.

COmo de vossa esperança
viuo ja desesperado
desta ingratidaõ cansado
recolhi minha lembrança,
pois da vossa estou riscado.
Trabalhei por me encerrar
dentro em meu sofrimento,

mas

mas logo no pensamento
comecei de fabricar
cem mil castellos de vento.
Pareciame que via
(naõ sei se he sonho, se certo)
hum valle todo cuberto
de flores, onde se via
da natureza o concerto.
Competia o aruoredo
co campo alegre, & cheiroso
onde o vento sonoroso
bolindo com sopro quedo
causaua hum tom saudoso.
A musica concertada,
das aues, que tudo atroa,
por entre as aruores soa
& quanto menos ornada
tanto o peito mais magoa.
Entre esta verde floresta
esta hũa fonte pura
metida entre a verdura
onde pudera ter sesta,
quem tiuera mais ventura.
E vi que sobre ella estaua
hum Pastor asaz ayroso
que com tom de voz chóroso
em seu rabel entoaua
este mote saudoso.

MOTE.

Lembrangas do bem passado,
pera que me renouais
lembrangas que cansaõ mais.

VOITAS.

Gostosas saõ as lembranças
a hum peito namorado,
quando viue acompanhado
de gostosas speranças;
mas quando tristes mudanças
o tem em pontos mortais,
as lembranças cansaõ mais.

Quando de todo acabou
o firme trato damor,
he trato de mortal dor,
lembrarse do que passou,
est'alma que o gostou
entende que em termos tais,
as lembranças cansaõ mais.

Mais desejaua cantar,
segundo nelle entendi,
mas vendo que o sinti,
tangeo por dissimular,
& calou o que lhe ouui.

E vendo que me chegaua
onde elle estaua sentado,
deixou rabel, & cajado,
dando mostras que folgaua
de a tal tempo ser chegado.

E disse com alegria
Lylardo que cousa he esta,
pode amor darme tal festa,
que chegasse a ver o dia
de verte nesta floresta.

Só por te ver ha mil annos,
que spero em graue tormento,
sem bastar o sofrimento,
pera sostentar os danos
deste meu encantamento.

E tomandome da maõ
pera mais me festejar,
no valle me fez sentar,
dizendo: Dame tençaõ,
ao que te quero contar.
Sabe Pastor, que este prado
cuberto de tantas flores
tomando o nome das cores
he val de flores chamado,
entre Nymphas, & Pastores.
Foy lugar antigamente,
em que o famoso Cupido
foi dum Rey obedecido
entre a Lusitana gente
mais amado, que temido.
E quando a dama ingrata
engeita seu seruidor
por lhe mitigar a dor
com estas agoas de prata
o encanta logo amor.
E porque neste trabalho
fuy a muitos semelhante,
por pagar amor constante,
buscou Cupido hum atalho,
qual te direi adiante.
Mudoume assento dũs valles,
que vaõ nas serras de Lor,
onde encerrou minha dor
a causa de tantos males,
quantos sofri por amor.
Eu fuy o Pastor Crisfal,
(se algũa hora delle ouuiste)
que em rima chorosa, & triste
cantey a força de hum mal
semelhante ao que sintiste.

E porque sei que he sabido
o que passei com Maria
junto de hũa fonte fria,
quando mudado o vestido
a encontrei certo dia.
Quero que ao mundo publiques
o mais que depois passei,
& tambem te auisarei,
porque co auiso fiques
menos mal do que eu fiquei.
Leuantoume a confiança
Maria de me querer,
renououme este prazer
mas foi prazer d'esperança
& esperança de molher.
Porque crendo alcançaria
com ella hum fim descansado,
em fim deixoume frustrado:
julga tu que fim teria
quem se vio taõ enganado.
Trocoume o bem que esperaua
em cruel encerramento,
meteuse em certo conuento:
& a mim que ao vento gritaua,
deixoume gritar ao vento.
E depois que me chegou
a perder vida, & sentido,
escolheo outro marido
que nella o premio gozou
de meu amor merecido.
Fiquei perdido entre valles
contemplando os Orizontes
tornados meus olhos fontes,
& por mitigar meus males
com ays abrãdaua os montes.

Algũas horas saya
Maria pello aruoredo,
&vendome mudo,& quedo
com taõ pouca dor me via,
como se vira hum penedo.
Dizialhe eu algũa hora
quando mesforçaua o mal,
cruel conheces Crisfal?
respondia: Vaite embora
Pastor, ou falame em al.
Cheguei a ponto de morte
com males que me cercaraõ,
& por mais que lhos contaraõ
estaua isenta de sorte
que nunca mais àbrandaraõ.
E vendome amor chegado
a ponto ja de espirar.
me mudou a este lugar,
que elle tem depositado
pera dores mitigar.
Tiroume toda a memoria
das serras que atras deixara,
& aquilo que desejara
me fez conuerter na gloria
da perda com que ficara.
E vendo quam bem guardey
o fogo em que me meteo,
de mim se compadeceo,
& as lagrimas que chorey
nesta fonte as conuerteo.
Encantoume dentro nella,
tè que o tempo produzisse
outro pastor que seguisse
a ordem de minha estrella,
& os males que ja te disse.

Agora

Agora vejo chegado
este tempo gracioso,
porque teu peito amoroso
tem tanto de namorado,
quam pouco de venturoso.
Sey que te firio amor
por Siluia a quem namoras,
& que te faltaõ as horas
pera mitigar a dor
com as lagrimas que choras.
Tambem sei, que viue dura
à vista de teu tormento,
mas tem nisto sofrimento,
que he certo faltar ventura
onde ha mais merecimento.
Regete se pòde ser
com tento nesta affeiçaõ
inda-que he trabalho vaõ
na força do bem querer
gouernarse por rezaõ.
Sò hũa cousa te digo,
& temna por cousa certa
que onde ouue ja porta aberta
para entrar algum amigo
quem vem tarde desacerta.
Esta Pastora a que queres
quis bem por algum respeito
& por mais que mude o peito,
bem sabes tu, que molheres
sempre alli lhe fica hum geito.
E sabe, se saber queres,
que em lhe dando na vontade
ha de fingir saudade,
& dizer igoais prazeres
tiue eu na outra amizade.

Deixei

Deixei quem tanto me quis,
por querer quem me naõ quer:
Pastor se me queres crer,
lembrete que o mundo diz,
o mais pouco da molher.
Olha que quanto as mais amaõ,
& por ellas esmorecem,
tanto menos agardecem
a quem foge dellas chamaõ,
& a quem as segue aborrecem.
Dirteha, que em paga, & primor
te naõ deue cousa algũa,
creihe tudo isto em summa,
porem olha, qu'este amor
segue as mudanças da Lũa.
Lysardo cae sobre ti
naõ abatas teu juizo,
pondera bem este auiso,
que quem se rege por si,
vemlhe de ter pouco siso.
Toma do que viste em mim
neste caso experiencia,
gouernate com prudencia,
olha que te vejo hum fim
de males sem paciencia.
Eu que vi as conclusoẽs
ferir em minha barreira,
por naõ dar na derradeira
atalhei suas rezoẽs
dizendo desta maneira.
A troco de hum bem tamanho,
como foy verte Pastor,
estimo taõ pouco a dor
que os males tenho por ganho,
& os trabalhos por fauor.

E quando este meu mal
tiuer hum fim taõ rasteiro,
naõ sou inda taõ grosseiro,
que o desestime Crisfal,
tendote por companheiro.
Mas dizeme que farei,
pois vi tal metecimento,
ou me empresta sofrimento
ou me torna qual andei
antes deste pensamento.
Que dar auiso prudente,
& conselho, o qu'está saõ,
quaisquer grosseiros o daõ:
mas que fara o doente
sojeito a toda paixaõ?
Se no tempo que viuias
por Maria namorado
eras d'amor taõ letrado,
como em ti naõ descubrias
remedio pera o cuidado?
Agora que te sintiste
ysento de tantas penas
os namorados condenas,
vejame en qual tu te viste,
& tu co bem que me ordenas.
Que se Maria segura
viue no ceo trasladada,
a terra ca naõ me enfada,
que Siluia, & sua luz pura
em ceo a tem transformada.
Nem viue Siluia em meu peito
cõm taõ leue fundamento,
que por escusar tormento
se diga que a pena engeito
à falta de sofrimento.

Venhaõ

Ve lhaõ tormentos dobrados
à conta da luz taõ bella,
com todos ey de quereita,
que asaz saõ galardoados
em os padecer por ella.
Não curo se a outro quis,
ou se lhe quer indagora
se bẽ lhe quer, queira embora,
vão todos (comoutrem diz)
& nòs não fiquemos fora.
Amoa tão sem interesse,
que nem què me queira quero,
de todo bem desespero
fora deste que me crece
no pouco que della espero.
Que se amor interesseiro
me pusera á mim em calma,
já outrem tiuera palma,
mas naõ se daõ por dinheiro
tisouros que saem dalma.
E se pella fé antiga
suspirar quanto me quer
hũa cousa podes crer
que nunca de mim se diga,
que faltei no bem querer.
Olha Crisfal a que chego,
& a que me traz meu cuidado,
que depois de sepultado,
terei por ditoso emprego
sustentar este cuidado.
E se num corpo sem vida
ha lugar para lembrança,
inda tenho confiança
de leuar nelle esculpida
o fim de minha esperança.

Quero que o mundo cante
pois ſoube teu grande mal,
que ſem ter premio ygoal,
ha na vida amor baſtante
a vencer o de Criſfal.
E ſe por remedio teu
te quis amor eu cantar,
ſem encanto quero amar,
que aſſaz encanto he o meu
pois amei em tal lugar.
E ſe nas ſerras de Lor
vão ſinais de tuas dores
quero que entre os amadores
ſe ſaiba que minha dor
teue fim em val de flores.
Em fim, que ſigo eſta via
de te vencer em triſtura
como Siluia em fermoſura
excede tua Maria,
& toda mais criatura.
Sem eſperanças de gloria
quero viuer neſtes valles,
peço Criſfal que te calles,
& deixes minha memoria
occupada com ſeus males.
Pois queres, me reſpondeo
perſeuerar em querer,
eſcuta o que has de ſofrer,
porque ſaibas do mal meu
os muitos q̃ inda has de ter.
Es por ſentença d'amor
condenado a tal tormento,
que no mèr contentamento
te ſobreſalte hũá dor,
que exceda teu ſofrimento.

Verteas perdido o juizo
com hum reues de triſtura
quando tua ſorte dura
conuerter em leue riſo
o mòr goſto da ventura.
Porque tua Siluia ingrata,
iuda que agora te queira,
querte por leue maneira,
& quanto amor mais te mata,
menos lhe doe tal canſeira.
Velaas doutro vencida
(nota bem iſto que ſigo):
proſegue em ſer ſeu amigo,
que em fim perderas a vida
por não ſeguir o que digo.
E pois viues tão contente
não queiras que mais te conte,
quero deixar eſte monte,
que nelle perpetuamente
daràs agoas a eſta fonte.
Diſſe amor, que como achaſſe
algum tão leal amante,
que me venceſſe em conſtante
eſta fonte lhe entregaſſe
por ſua no meſmo inſtante.
Ficate nella Paſtor
pois vences em ſer leal,
& conſolate em teu mal,
com ſeres ſó vencedor
do firme paſtor Criſfal.
Veràs aqui muitas vezes
tua Siluia neſte prado,
então choraras dobrado
que a pena de largos meſes
eſperta vendo o cuidado.

Fuo verão pella sésta
se virà aqui a assentar,
bem alhea de cuidar,
que tua vista lh'empresta
agoa pera se lançar.
Estaràs nesta prisaõ,
(se meu juizo não erra)
té se produzir na terra
outro Pastor, que em paixão
nos exceda nesta guerra.
A Deos te fica Pastor,
& começa de chorar,
qu'esta fonte ha de lançar
as agoas que tua dor
lhe puder comunicar.
Abraçouse então comigo
& na fonte me lançou,
não sei por onde escapou
leuoume o gosto consigo
& só choro me deixou.
Assi fiquei condenado
à força do pensamento
& não foi sonho de vento,
porque depois de acordado,
me vi no mesmo tormento.
Vi ne, & vejome agora
choroso, porque vos quero,
se outrem vos quer, desespero:
& espero só por hũa hora,
que me mostre o fim qu'espero.
Esta visaõ temerosa,
que à vossa conta passei,
vos escreuo, porque sei,
que se a causa he poderosa,
sabeis della o que eu não sei.

DE

## DESPIDIDA DE SILVIA, & Lysardo.

Ovça quem viue contente
males de quem ja viueo,
& quem os não padeceo,
lea no peso presente
cousas que doutrem não leo.
Lea d'hum pobre pastor
hum queren desenganado,
veja perdido seu gado,
note hũa prenda d'amor,
com que viueo enganado.
Iunto a hum valle deleitoso,
que entre dous rios se cerra,
armou amor esta guerra,
sem notar quam perigoso
fosse, amores em tal terra
Aqui vendo a fermosura
de Siluia Pastora bella,
se perdeo chegando a vella
hum Pastor a quem ventura
criou só pera querella.
Pagoulhe amor seu tormento
com se ver della querido;
inda que a hũ peito rendido
he carcer do pensamento
sintirse fauorecido.
Ouue tal conformidade
entre estes dous namorados,
que hũ no outro trãsformados
morrião de saudade
vendose hum póto apartados.

Mas como os bẽs da fortuna
consistão sempre em balança
quis fazer nestes mudança
dandolhe ausencia importuna
a troco da esperança.
Ordenou hũa partida
tão forçada ao pastor,
que nem a força d'amor
bastou, pera que impidida
fosse a causa de tal dor.
Ouuese em fim de partir
por mais que a alma se partia,
só despidirse temia
& hirse sem despidir
amor não lho consintia.
Hum dia quasi Sol posto
os dous amantes se acharão,
& os olhos que se encontrarão
derão sinaes do desgosto,
que tè então dissimularão.
E quanto mais se chegauão,
mais sospiros despidião,
que se cos olhos se vião,
coa'lma consideraiião
quam cedo se naõ verião.
Chegados a se falar,
nenhum o pode fazer,
& sem nada se dizer,
praticauão com callar
na falta de seu prazer.
Sentados no valle vmbroso
seus males solenizando,
se olhauão de quãdo em quãdo
& logo qual mais saudoso,
cubria os olhos chorando.

Elle vendo que deixaua
tais olhos de si ausentes,
tinha mortais accidentes,
& ella vendo que ficaua,
choraua os danos presentes.
Ora cos olhos no chão
ficauão como esquecidos,
ora de amor constrangidos
pregados no Ceo em vão,
o rompião com gemidos.
As vezes de amor forçados
começauão de fallar,
mas vendo que era apartar
os conceitos começados,
resoluião em chorar.
Lysardo, que a dor forçosa
o fez tornar sobre si,
fallou dizendo: Ay de mi
que chega Siluia fermosa,
o mal que sempre temi.
He me forçado seguir
as leys do tempo enemigo,
ficarà est'alma contigo,
que he impossiuel partir
& leuala inda comigo.
Sò te peço que esta ausencia,
entre nòs seja tratada
com tal fé, que na tornada
não me des experiencia
de ver a tua mudada.
Que se'sta que tenho à alma
he dalgum merecimento,
prometo que esquecimento
lhe não coube nunca a palma
que tés do meu pensamento.

E verseão mais facilmente
andar os peixes na serra,
& o Ceo não cubrir a terra,
que engeitar viuendo ausente
as leis de tão justa guerra.
O Sol poderá perder
a claridade que tem,
o mar secarse tambem,
sem que deixe de querer,
quem na vida me sostem.
Fugira o Cordeirinho
da propria mãy que o cria,
trocarseha a noite em dia,
& o Falcão, & Passarinho
viuirão em companhia.
Sem que esta vontade tua
mostre em te querer mudança,
por mais que a desconfiança
durando est'ausencia crua,
desbarate a esperança.
Por esses olhos graciosos
em que meu retrato vi,
& pello fino Rubi
desses beiços tão fermosos
de que tais cousas ouui.
Te juro amada Pastora
de não ter estranho amor,
& quando outra cousa for
eu me julgo desde agora
por desleal, & trèdor.
Se estes olhos que teus
chamauas com mil fauores,
virem para ter amores,
percão o nome de meus,
& ceguem como trèdores.

E ſe o deſejo contrario
for às palauras que digo,
não ache graça contigo,
& com pregão de falſario
o julgue o Ceo por imigo.
Vejame de ti eſquecido
quando mòr bem te quiſer,
que mòr mal não pède ſer,
que querer ſem ſer querido
quando he d'alma o bẽ querer.
Tantas lagrimas vertia
Lyſardo quando falaua,
& com tanta dor eſtaua,
que Siluia, que ygoal ſintia,
brandamente o conſolaua.
Dizendo: Tem ſofrimento
Lyſardo meu neſt'auſencia
não percas a paciencia,
pois nella meu penſamento
moſtra tal eſperiencia.
Não chores tanto Paſtor,
deixame chorar a mi,
que pois eu fico ſem ti,
comigo fica o penhor
do mal a quem me rendi.
Aqui entre eſte aruoredo,
& por eſte verde prado
chorarei o bem paſſado,
lembrandome o tempo lèdo,
quando nelle vi teu gado.
E ſobre os cumes dos montes
que mais ſolitarios ſaõ,
quando auiuar a paixão
tornados meus olhos fontes
chamarei teu nome em vão.

Alli triste, & solitaria
meu Lysardo chamarei:
mas ay? onde te acharei?
que me he fortuna contraria
Lysardo porque te amei.
Oxala nunca me viras,
ou vendo não me quiseras,
que se de mim não souberas,
nunca estes males sintiras,
em que agora desesperas.
Mas que digo? antes a morte,
& ausencia cruel me offenda,
& a mim propria não entẽda,
que de tão ditosa sorte
algum tempo me arrependa.
Ouue hum desengano certo,
& de mim não queiras mais,
que se tẽs dores mortais
no centro d'alma encuberto,
tas pagão outras igoais.
E cuida que inda que partas
não hiras de mim ausente,
nem eu sem ti certamente,
que quanto tu mais te apartas,
mais te tenho em mi presente.
Toma Pastor este anel,
& este cordão de cabellos,
que forão louros, & bellos,
porque n'ausencia cruel
te lembres de mim em vellos.
E porque entendas os laços
de que sayr não procuro
pella fé em que te juro
siruão estes dous abraços,
com que te partas seguro.

Em pé se pos logo à hora,
& elle tambem o intentou,
mas ventura lho atalhou,
que entre os braços da Pastora
esmorecido ficou.
Ella com dobrada magoa
vendolhe o rosto mortal
disse: Pastor que me val
ter nos olhos fontes d'agoa
pera mitigar teu mal.
E como as lagrimas della
lhe dauão no rosto afflito,
cobrou o Pastor espirito,
porque trouxe sempre nella
do seu o treslado escrito.
E tornando sobre si
quando em seus braços se vio
com hum ay que dispidio
disse: ja Siluia me vi
onde minha fé subio.
Que se o mais de minha vida
passei com notauel dor
asaz ma tem pago amor,
dandome na despidida
tão conhecido fauor.
Atalhame o tempo breue
este bem em que me vejo,
não no tenhas a despejo,
mas este abraço recebe
em prendas de meu desejo.
Ficate a Deos alma minha
que o Sol se vai escondendo
meu coração te encomendo,
porque o lugar que o sostinha
o vai ja desconhecendo.

O quem notara aquella hora
os dous ygoais no amor,
elle posto em mortal dor,
dizendolhe: A Deos Pastora,
& ella: A Deos meu Pastor.
Partiose a Serrana bella,
& elle ficouse onde estaua,
& tanto mais caminhaua
quanto da presença della
mais ausente se notaua.
Viraua os olhos atras
pello ver algũas vezes,
sintindo mortais reuezes,
que sempre consigo traz
amor estes intremezes.
Veose a noite cobrindo
cad'ora mais carregada,
& Siluia dessimulada
rosto contente fingindo
se foi a sua malhada.
Lysardo vendose ausente
de quem mais que a si queria
sentado na erua fria
como se fora presente
mil lastimas lhe dizia.
Mas vendo ser a partida
a seu credito forçosa,
reprimindo a voz chorosa,
se partio deixando a vida
nas maõs da morte espantosa.

FIM.

CAR-

## CARTA QVE LYSARDO mandou a Tarifa, pedindolhe conselho se amaria a Siluia, ou a Philis.

### ROMANCE.

DIme graciosa Tarifa
ansi Dios guarde tu gracia,
si te parecen graciosos
los amores que me matan:
y porque en casos de amor
menos sabe quien mas ama,
dire los effectos del,
y dellos juzga la causa.
Vencieronme dos Pastoras,
y vna se lleuò la palma,
que aunq̃ son victorias dobles,
los despojos son de vn'alma:
es sola vn'alma despojos,
y venciendome dos almas,
como puede vn'alma ser
despojo de tantas almas?
Philis con dos ojos negros
dio combate a la esperança,
però los verdes de Siluia
escalaron la muralla.
Leuantaronme del suelo
con la virtud de su gracia,
que son sus ojos Alambres,
y mi coraçon de paja.
De hierro tenia el pecho,
y en yerros de amor andaua,
mas fue piedra y man su vista,

que a los yerros arrebata.
Tiene Philis en su gesto
vna gracia mesurada,
y vna ternura en los ojos,
que combida a desearla.
Però el donaire de Siluia,
el ayroso talle, y gracia,
el no se temer de amor
al mismo amor disbarata.
La libertad de su gesto
libres coraçones ata,
y a la perfecion del mundo
su perfecion auassalla.
Vassallo soy ya Tarifa,
mira que donosa gracia,
que en el cuerpo soy de Philis,
y de Siluia en cuerpo, y alma.
Es solo el cuerpo de Philis,
y de Siluia cuerpo y alma,
y quanto el alma es mejor,
tanto Siluia mas me agrada.
Ni te espante verme a mi
jugar con cosa tan alta,
que este juego es de Xedrez,
do todas piezas se hallan.
Y aunque se hallen Reyes en el,
yo tambien tengo mi tabla,
porque amor haze jugar
Reys, y peones con damas.
Y en la suerte de Peon,
quiero auenturar ganancia,
que si diere mate a Reyes
mia quedarà la dama.
Mucho me auenturo cierto,
però mas me auenturara
si au-

si tuuiera en la ventura
tanta fe, como en la fama.
Ruegote pues que me digas
Tarifa de mis entrañas,
si son burlas mis amores,
o que juzgas de mis ansias.
Si es bueno querer a Philis,
o si Siluia mas te agrada,
si dexarà la primera,
o poder querer entrambas.
Si es possible dar a Philis
el terrero, y la ventana,
y el mas secreto retrete
a Siluia la libertada.
Esto me agradaua a mi,
pero es cosa escusada,
que vn hombre que tiene amor
por los ojos muestra el alma.
A Dios llaue de mi pecho,
de mis bienes secretaria,
pronostico de mis gustos,
remate de mi esperança.

REPOSTA.

GRacioso Lysardo amigo
Dios guarde tu buena gracia,
que en tan graciosos amores
es muy justo desearla.
Y pues de tus nueuas ansias
me has hecho ya secretaria,
escucha por los effectos
lo que juzgo de la causa.
Nueua inuencion me parece
lleuandose vna la palma,

conceder a dos Pastoras
los gages de sola vn'alma.
Si diste el alma en despojos,
no digas que fue a dos almas,
pues siendo la tuya sola,
mal puede cumplir con tantas.
Nunca los ojos de Philis
leuantaron tu esperança,
que los de Siluia en ser verdes
te la mostraron mas clara.
Y tener virtud de Alambres,
hartas vezes lo mostrauan,
quando con su mouimiento
los tuyos tras si lleuauan.
La piedra hyman de su vista,
que a los pechos arrebata,
es tierna para leales,
y a traydores pura, y braua.
Muchas partes tiene Philis,
que inciten a desearla:
mas oluide las de Siluia
quien piensa partirse en tantas.
Porque el donayre de Siluia,
y su ayroso talle, y gracia,
si con otro amor se quiere
mil amores desbarata.
Y á la libertad del gesto
corresponde la del alma,
con que oluida libertades,
que otros gestos auassallan.
Y en tu nueua vassalage
si esperas sacar ganancia,
dà la libertad del cuerpo
a quien diste la del alma.
Que si es de Philis el cuerpo,
aunque

aunque des a Siluia el alma,
es tan entera, que temo
no quiera partido nada.
Ni me altera los ſentidos
el alto juego que tratas,
que a tan altos penſamientos
bajas quedan coſas altas.
Y ſi en el Xedrez de amor
Reyes, y peones ſe hallan,
que mas Rey, que vn penſamiẽto,
que a Reyes eſtima en nada?
De peon la ſuerte eſcojes,
y no ſin mucha ganancia,
que peones que Reyes vencen
doblado obligan las damas.
Aunque temas tu ventura,
no dexes de auenturarla,
que tanto valdras por ella,
como vales por la fama.
De ſuerte Lyſardo amigo,
que mi conſejo, y palabra
es que bueluas a vna ſola,
el amor partido entrambas.
Ni te engañen Siluia, y Philis,
porque ninguna ſe engaña,
dexa Philis, pues al fin
a Siluia quieres nel alma.
Que Siluia quiere ſe vean
los eſclauos de ſu caſa,
no ſolo por ſé del pecho,
mas por ferrete en la cara.
Que a vn'alma que tiene amor
es inuencion eſcuſada
deſcubriendola los ojos
encubrirla con palabras.

A Dios

A Dios preciado Paſtor
ſymbolo de mi eſperança,
Alcayde de mis deſeos,
priſionero de mi fama.

ESTANDO LYSARDO AVſente, lhe mandou Siluia hũ cordão de cabellos, & nelle hũa memoria de ouro cõ hũa caueira, & hũ roſto de dama eſmaltados, ao que fez o Romance ſeguinte.

ROMANCE. 3.

POr donde el claro Mondego
con dulce corriente baxa,
regando las anchas vegas
del Reyno de Luſitania.
A do ſus freſcas Riberas,
con floreſtas ocupadas
libran de calor al cuerpo,
y encienden fuego en las almas.
Eſtà el auſente Lyſardo
mirando vnas prendas charas,
que ſi ſon charas por prendas,
por auſencia ſon mas charas.
En vn cordon de cabellos
vna memoria enlazada,
porque memoria de auſentes,
en lazos muere colgada.
Y en ella de color negro
vna muerte figurada,

que

que por ser muerte en memoria,
publica muerta esperança.
Mirala del color mismo
vna Nimpha retratada,
muerta porque està sin vida,
y biua, porque la causa.
Contempla el triste Pastor
las debuxadas estampas,
la muerta que viue en el,
y la viua que lo mata.
Y dize ciertas señales
de mi ventura contraria,
bien sé que viuo en memorias,
y que memorias me acaban,
Bien te pusiste señora
junto a la muerte pintada,
porque tus graciosos ojos
la tienen para las almas.
Es mi coraçon sortija,
que a la tuya se compara,
la calauera tu ausencia,
y mi fé la biua estampa.
Y estos dorados cabellos
puestos en cinta encarnada,
son alas de mi deseo,
con que huyo a la mudança.
Y vos dorados cabellos,
simbolo de mi esperança,
rayos daquel Sol graciosos,
finas madexas de Arabia.
Si tantas almas tuuiera
como sois, yo las colgara
en vòs, para que viuieran
en tormento descansadas.
Porò no tengo mas de vna

y essa tengola ya dada
a la causa do nacieron
vuestra beldad, y mis ansias.
Esto Lysardo dizia,
y mil vezes las besaua,
haziendole reuerencia
como reliquias del alma.
Recogiolas en el seno
diziendo, estareis guardadas
en el lugar que a mi Siluia
traygo en vida sepultada.
Y si el fuego que me enciende
os quemare prendas charas,
demandad agua a los ojos,
para mitigar sus llamas.
Porque el fuego que me enciende
y de mis ojos las aguas,
si tienen varios effetos,
todos nacen de vna causa.

## TESTAMENTO DE LYSARDO feito por causa de Siluia o despidir, imaginando ser sua hũa carta infamatoria.

ROdeado de Pastores
que lloran su suerte amarga
con vn terrible accidente,
Lysardo despide el alma.
Iuntase calor del pecho,
y frio de ausencia larga,
que dexan mudo el deseo,
y sin pulso la esperança.
Hazer quiere testamento
de males que le acompañan,

que

que testamento de bienes
no compite a quien mal passa.
Empieça el pobre Pastor
por los puntos de su manda,
porque cō puntos de amor
quiere apuntar su mortaja.
Y dize pues, que la vida
con tanto rigor se aparta,
aparten del pecho mio
vnas prendas de mi alma.
Apartenme el coraçon
do viue mi Nimpha ingrata,
porque viuiendo en vn muerto,
viua no sea enterrada.
Y entreguēselo a mi Siluia,
porque viendose pagada
pueda dezir por mi fé
vi la muerta, y no mudada.
Quiero mas que el cuerpo mio,
se consuma en viua llama,
aunque pues viuio en fuego
temo que en fuego renazca.
Y las cenizas que hiziere,
al ayre, y viento se esparzā,
porq̄ no se engendre dellas
otra Phenix desdichada.
Que pues ya no quiere Siluia,
que viua mas en su gracia,
es razon que el ayre lleue
mi ventura en su mudança.
Solo quiero que los ojos
queden viuos, y con agua,
lauen, si lauar se puede
las sospechas de mi fama.
Queden fuera de mi cuerpo
porque

porque no digan que es causa
la falsedad de mi pecho
de su lloro, y mi constancia.
Y por memoria de amãtes,
mando que sea enclauada
mi diestra en algun Aliso
del Tajo, y sus olas claras.
Y pague con dolor crudo
la sospecha aueriguada,
que se tuuo de mi fé,
Y porque sepa la gente
desta justicia la causa,
pongan iunto de la mano
esta letra llana, y clara.

LETRA.

EL que se vé de amor mas regalado,
y con fauores suyos viue hufano
acuerdese, que puede muy temprano
hallarse destos bienes despojado:

Y si quiere saber quan engañado
lo trae a su fauor este tyrano,
buelua los tiernos ojos a esta mano,
q̃ fue de vn Pastor pobre y desdichado.

Viose vn tiẽpo de amor fauorecido,
y luego su ventura hizo perderlo,
siendo causa del mal vn bien fingido.

Dexolo su Pastora sin mas verlo
por causa vn cartel descomedido,
y pagalo esta mano sin hazerlo.

ROMANCE. 5.

ENtre los sauzes, y Alysos,
que el cristal de Tajo baña,
partiendo el florido campo,
con mil arroyos de plata.
Entre los verdes Iazmines,
q̃ vn hermoso Mirtho abraçan
dexando con hoja, y flores
vna choça fabricada.
A do las Nimphas del rio
salen con peine de plata
a peinar en sus cabeças
el fino metal de Arabia.
En passatiempos de amores,
(si en amor tiempo se passa)
estauan Lysardo, y Silvia,
contentos de su ganancia.
Prendadas tienen las manos
que son prendas regaladas
buestos saetas los ojos,
y blanco entrambas las almas.
El regalado Pastor
asiendo la toca blanca,
y con ella vnos cabellos,
en que amor almas enlaza.
Le dize, rubios cabellos,
quien algun tiempo pensara
pudiera poner las manos
do tuue el alma colgada.
Tu gracia Pastora mia,
fruio de torre murada,
tus cabellos de corriente,
tus labios de muro, y caua.

Fueron tus pechos Alcaide,
y tus ojos ronda, y guarda,
grillones entrambas cejas,
y el prisionero mi alma.
Essas prisiones Lysardo
(dize la Nimpha agraciada)
es poca gracia dezirlas,
quando te hago tanta gracia.
Que si fueron mis cabellos
corrientes de tu ganancia,
en essas manos los tienes,
bien puedes tomar vengança.
Si fueron labios los muros,
dale combate a la clara,
veras mas llanas almenas,
que fue profunda la cava.
Al Alcayde de mi pecho
tu le quitaste la vara,
y le hiziste prisionero
desse do viuo abrasada.
Llamas guardas a mis ojos,
però no son buenas guardas,
pues no supieron guardarme
de los tuyos sin mudança.
Querellaste de las cejas,
y no miras quanta causa
tiene de querellas tuyas,
quien muriendo sufre, y calla?
Siluia de los ojos mios,
Lysardo replica, basta
que conozca cada qual
tener de su mal la causa.
Tu quedaste vitoriosa,
yo vencido, y con ganancia,
perdiste en el vencimiento,

yo venci perdiendo el alma.
Callan las vozes en esto,
y solo conceptos hablan,
que coraçones rendidos
entiendense quando callan.

## ROMANCE FEITO POR Siluia mandar à Lysardo, que queimasse todas as cartas que tinha.

VNa candela en la mano,
y vn fuego viuo en el alma,
dos rios d'agua en los ojos
salidos de sus entrañas.
Lysardo vn pobre Pastor
recogido en su cabaña,
quiere hazer exequias tristes
a su dichosa esperança.
Sacò de vn viejo çurron
de su Nimpha algunas cartas,
y besandolas mil vezes,
assi se despide, y habla.
A Dios bienes de mis ojos,
a Dios reliquias preciadas,
que hasta de vòs dulces prendas,
el tiempo aduërso me aparta.
Es sentencia de mi Siluia,
que en fuego seays quemadas,
y que se acabe en vn punto
mi gusto, y vuestras palabras.
Ay cartas de mi contento,
y descarte de mis ansias,
cuan que fuistes vn tiempo

de todo mi bien la causa.
No me culpeis de cruel,
si os quemare en viuas llamas,
que este pecho do quedais,
en llamas de amor se abrasa.
Y si temeis que en el fuego
se acaben vuestras palabras,
no temais que su traslado
escrito queda en el alma.
Holgad de acabar en fuego,
pues fuego tambien me acaba,
aunque es mejor fuego el mio,
pues tiene mas noble causa.
Llegò la lumbre el Pastor,
y vna, y otra vez la aparta,
qu'es impossible al amante
sepultar lo que bien ama.
Pero viendo al fin de todo
que por ley Siluia lo manda,
bueltos los ojos atras
enciende fuego en las cartas.
Y quando vio que se ardian
promessas tan regaladas,
quiso con lagrimas tristes
boluer de nueuo apagarlas.
Mas ay les dize que sois
lagrimas de fuego hechadas,
y es notorio desuario
apagar fuego con llamas.
Quien del triste pecho mio
el corazon me sacara,
para que en esta ocasion
con vosotras le quemara.
Fuera como el aue Phenix,
que en blando fuego se abrasa,
para

para renouar sus años,
si està de viuir cansada.
Quiça mudara ventura,
quando en otro me trocara,
y quedara mejorado
de mi fortuna contraria.
Y quando vio las cenizas
en negra color trocadas
dixo, quan varias libreas
viste qualquiera mudanga.
Mas no me la hara viuir
embidia de gente baxa,
porque embidia de villanos
no toca en cosa tan alta.
Que se pudo su baxeza
hazerme quedar sin cartas,
no haran quitar jamas
a Siluia de mis entrañas.

## MVDANDO LYSARDO a vida & trajo por disfauor de Siluia, & querendo vna dama ter amores com elle, lhe fez este Romance.

A pie de vna seca peña
muy conforme a su cuidado,
que es peña en sufrir sus penas,
y en callarlas vn peñasco.
Vestido en pellicos pobres
estaua el Pastor Lysardo,
diziendo contra el amor,

y los trajes de ſoldado,
toma tus galas tyrano,
dexame ſolo andar có mi ganado
Los contentos que me diſte
en mis triumphos paſſados,
no los ſufre el trage humilde,
y el ſayal que agora traygo.
Las plumas verdes, y blancas,
y el ſombrero boleado,
es trocado en caperuça,
y en capilla de tabardo,
toma tus galas, &c.
Ya paſſaron trenças d'oro
ſobre raſo acuchillado,
ya las medallas, y cifras
d'aquellos ſyglos dorados.
Viuo contento en ſayales,
no quiero bienes paſſados,
da tu bien a quien lo quiera,
que yo guſto en el mal que paſſo.
toma tus galas, &c.
Muchacho traydor no quieras
burlarme, y quedar burlado,
no te burles con los hombres,
pues burlas como muchacho.
Guſta ya de que mis guſtos
guſtaron tu falſo engaño,
y no procures dañarme
con diſguſto tan amargo,
toma tus galas, &c.
Pues defendi tus banderas
quando me vi tu ſoldado,
no me offendas, que tu guſto
no lo quiero en tal eſtado.
Vn bien que me prometiſte

dexasteme sin gozarlo,
fuiste ladron en el robo,
y en la palabra muchacho,
toma tus galas,&c.
Bien te pintaron traydor,
desnudo,ciego,y vendado,
porque desnudas, y ciegas,
quien osa darte la mano.
Eres constante en el mal,
y en el bien Cometa,y Rayo,
sientaste quando ay enojos,
y buelas con los regalos,
toma tus galas, &c.
Pues me has robado mi Siluia,
con que viui tan hufano,
no pienses que en amor nuevo
muestre pecho de villano.
Apartate de mis ojos,
no perturbes mi cuidado,
que pensar em mi mudanga
es trabajo loco, y vano,
toma tus galas,&c.

## ROMANCE.

LAs mas altas sierras mira
el solitario Lysardo,
dulce morada de fieras,
fiera para su cuidado.
Entre las peñas,y riscos,
oye bramir el ganado,
y balar los corderitos,
sus dulces madres buscando.

Las corrientes de las aguas
se despeñan de lo alto,
con solitario ruydo
entre piedras murmurando.
Y en la soledad terrible
via vn soto leuantado,
con mil flores reuestido,
y de arboledas poblado.
Y entre las cerradas plantas,
oye vn Ruyseñor cantando,
querellas de vn mal de amores,
que a su bien salio muy caro.
Ay terrible pensamiento
(dize el Pastor lastimado)
que a do quiera que me lleuas,
te hallo al viuo retratado.
La condicion de mi Siluia
es el monte despoblado,
las fieras sus asperezas,
las peñas su pecho elado.
La soledad espantosa,
es su pensamento ingrato,
el ganado mis deseos,
que mueren sin hallar pasto.
Los bramidos son mis ansias,
los corderos mis cuydados,
las madres son las passiones,
que los crian regalados.
Las agoas son de mis ojos,
su disfanor los peñascos,
mis suspiros el ruydo,
las piedras su desengaño.
El monte su hermosura
(que al fin es mõte, y muy alto)
las flores sus perfeciones,

sus

ſus cabellos freſcos ramos.
Mi coraçon Philomela
en eſte monte embreñado,
ſu canto triſtes gemidos,
ſu voz ſilencio cerrado.
Permanece en tu dureza,
ò Siluia, que el tiempo auaro
me vengarà de tus ojos
cauſadores de mi daño.
Quando vieres tu çabello
en blanca nieue trocado,
arrugadas tus mexillas,
frente, y pecho derrocado.
Quiça diràs a ti miſma
con dolor diſsimulado,
vengado quedas Paſtor
aqui fue Troya Lyſardo.
Mal digò ſeñora mia,
no es poſsible auer tal daño,
que el tiempo viue contigo,
ſiempre te hirà renouando.
Yo quedarè con mis males
contento en ſolo paſſarlos,
y tu con tus perfeciones
cauſadoras de mi daño.
Y como es cauſa ſublime,
ſublime ſerà el cuidado,
que a vna eſtraña hermoſura,
eſtraño ſe deue el pago.

## ROMANCE QVE LYSARDO fez, partindose de Siluia, por hũa grande tempestade.

EL ayre en niebla rebuelto,
el cielo escuro, y nublado,
y con espantosos rayos
todo encendido, y turbado.
Las fuentes del cielo abiertas,
y el mundo buelto en vn lago,
y con el viento furioso
temblando los montes altos.
Con truenos se hunde la tierra,
temiendo segundo estrago,
y el mundo en sombra terrible
estaua vn Chaos retratado.
Las aues dexan su buelo,
las fieras huyen del campo,
y Lysardo puesto en el
al cielo dize llorando,
agua Dios agua,
qu'el fuego que me quema lo demãda.
No temo la niebla espesa,
que otra mas terrible passo,
quando ausente de mi Sol
solo por ausencia parto.
Tiemble todo el firmamento,
y allanense los peñascos,
que este de mi pensamiento,
es mas firme contrastado,
agua Dios, &c.
No temo fuegos de nuues,
porqu'el fuego en que me abraso
es mas alto, pues de Silsia

fue

fue nacido, y engendrado.
El rayo acaba temprano,
y solo al duro es ayrado,
però mi fuego es terrible,
y consume lo mas blando,
agua Dios, &c.
Lance sus aguas del Cielo,
y buelua mares los campos,
que estas, y las de mis ojos
passa el deseo bolando.
Quiçà si se juntan todas
tendre con ellas descanso,
y daran algun aliuio
al fuego en que me abraso,
agua Dios, &c.
Soplen furiosos los vientos,
conturben al ayre claro,
que a mi Sol, que es Siluia sola,
no puede el viento turbarlo.
Que esto es ayre al fin que passa,
y mi sol queda parado,
y para eclypsar quien para
no basta ningun nublado,
agua Dios, &c.
Venga segundo diluuio,
que del no tengo cuidado,
porque a cuidados de fuego
mas le encienden mares altos.
Y como de fuego viuo
tengo ya el pecho formado,
no puede al fuego en su esphera
hazerle otra cosa dañe,
agua Dios, &c.
Ques de ti mi pensamiento,
à do me lleuas cuidado?

a donde

a donde me quedas Siluia?
a do voy de ti apartado?
No te canses tras mi cielo,
con te me hazeres ayrado,
q̃ al Caos de vn sentido ausente
ya furias no le hazen daño,
agua Dios agua,
qu'el fuego que me quema lo demãda.

## ROMANCE DE BRADAMante, que Lysardo fez, por lho pedir Siluia.

SEmbrado con flores de oro,
y cinco ramos de Palma,
vn yelmo de fino azero,
y vnas Francesas coraças:
Y por cimera de todo
cinco plumas variadas,
pagiças, verdes, y negras,
azules, y coloradas.
Vn escudo hecho en Tunez,
con vna Luna de Plata,
y dize la letra della,
sola de vn Sol alumbrada.
En lança de color negro
diez calaueras de plata,
y en Frances la letra dize,
doy la muerte a quien me aguarda.
Esmaltada de oro y negro
al lado yzquierdo la espada
con vayna de seda verde,
guarnecida desmeraldas.

En

En vn Ginete Español
blanco, y de cola anhelada,
mañoso, fuerte, y ligero
de briosa, y linda raça.
Sale qual su pensamiento,
aunque sola acompañada
la hermosa Bradamante
flor de los doze de Francia.
Como sin rienda la lleua
vn deseo de vengança,
sin rienda dexa el cauallo
caminar por do le agrada.
En cata va de Rugero,
para hazer en el vengança,
porque se suena en Paris,
qu'es seruidor de otra dama.
Y viendo las breñas solas,
do no ay mas que mudas plantas,
lagrimas soltando, y vozes,
de falso, y traydor le llama.
Falso enemigo dizia,
Moro en sangre, y en palabra,
sin fé a Dios, y al amor,
y enemigo de tu fama.
Pues con fementido pecho
secretos amores tratas,
yo sacarè desse tuyo
el coraçon cō que engañas,
muera el falso Rugero, muera, muer.
saque mi braço el alma cruda, y fier
No es possible Moro infame
que vengas de noble casta,
pues tus infames trayciones
son obras de vil canalla.
Abrasado mueras perro,

Vengança Cielo, vengança
justicia vendado niño,
fuego, sãgre, guerra, y arma,
muera el falso Rugero, &c.
Qu'es de ti braço animoso,
y tu cortadora espada,
en esta muerte tan corta,
quãto en otras muchas larga?
Y tu azerado escudo
con essa Luna pintada,
poco importas, pues la mia
està sin Sol eclypsada,
muera el falso Rugero, &c.
Yo sacarè desse pecho
la fé que en el me lleuauas,
porque con la falsa tuya,
no me la goze otra dama.
Que yo no pensaria ser
de la sangre de Mongrana,
si el coraçon no sacasse,
que por mio intitulauas,
muera el falso Rugero, &c.
Oyò tropel de cauallos,
y vio gente que assomaua,
recogio la rienda al suyo,
y a los gritos, y palabras.
Però en el coraçon,
que los celos abrasauan
con deseo de vengarse,
contra Rugero gritaua,
muera el falso Rugero, &c.

## MOTE A HVM FAVOR que sendo prometido, não acabaua de chegar.

Vejo que tudo tem fim,
Sò eu no mal que padeço
Não acho senão começo.

## VOLTAS.

ACaba o contentamento
entre os braços do cuidado,
esquece tod'o passado,
porque tem seu nacimento
em certos fins limitado.
O amor perde seu preço,
fé as esperanças senecem,
os seruiços logo esquecem,
& os males tem seu começo
quando os bẽs desaparecẽ.
Assi que os danos falecem,
mas eu nos que em mi conheço,
não acho senaõ começo.
Os que costumão querer,
querem só pello desejo,
mas eu sem premio pelejo
entre amar, & padecer
no mal q̃ sinto, & não vejo.
Vejo que quanto mereço,
o perco por bem seruido,

ſiruoem ſer admitido,
menos lembro, ſe apareço,
mais ganho ſẽdo eſquecido.
He tão duro meu partido,
que neſte mal que padeço,
não acho ſenao começo.
Qual o que em duro tormẽto
dizem que d'agua tercado,
lhe he o tocalá vedado,
porque dobre o ſentimẽto,
na viſta do deſejado.
Tal eu, que a viſta mereço
do fim de minha lembrãça,
em ver perco a confiança,
pois ſò em vella conheço,
que meu mal nao tem mudança.
Tenha quem quiſer bonança,
que en neſte mal que padeço,
ſempre deſejo começo.

Siluia ſi tiempo me eſpera,
en que dexe de quererte,
de ayrada y furioſa muerte
antes que llegue me muera.
Y ſi eſtos ojos rendidos
otros vieren a quien quieran,
ciegos, y traidores mueran
con pregon, por fementidos.

FIN.